

Instituto Superior de Psicologia Aplicada



**A PRÉ-ADOLESCENCIA E AS IMAGOS PARENTAIS – UM ESTUDO
LONGITUDINAL**

Carlos Alberto Espada Bom Calixto Corneta

11702

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de

Mestre em Psicologia Aplicada

Especialidade em Clínica

2009

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

**A PRÉ-ADOLESCENCIA E AS IMAGOS PARENTAIS – UM ESTUDO
LONGITUDINAL**

Carlos Alberto Espada Bom Calixto Corneta

Dissertação orientada por Professora Doutora Ângela Vila-Real

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de

Mestre em Psicologia Aplicada

Especialidade em Clínica

2009

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Professora Doutora Ângela Vila-Real, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica conforme o despacho da DGES, nº 19673 / 2006 publicado em Diário da República 2ª série de 26 de Setembro, 2006.

“A seu tempo terá passado, quem sabe, a
agitação da inexperiência...”

Púshkin

Como em qualquer documento de índole científica ou literária, quer o façamos sós ou em cooperação, é sempre um prazer partilharmos o sentimento de satisfação e de dever cumprido com todos aqueles que nele intervieram e que deram, de uma forma ou de outra a sua gentil contribuição. Deste modo, não posso deixar de agradecer a todas as pessoas que acompanharam de perto esta verdadeira odisséia e, de uma forma geral, toda esta minha aventura académica que chega ao seu termo com este trabalho.

Em primeiro lugar quero agradecer à professora Ângela Vila-Real pela forma como orientou este trabalho e a mim próprio, enquanto aluno. Pela forma como, pacientemente, acolheu as minhas dúvidas e os meus receios ao longo de todo este tempo. Quero agradecer, sobretudo, por me fazer acreditar que mesmo não atingindo a perfeição poderia sempre dar o melhor de mim e que isso seria o suficiente.

Aos meus pais quero dedicar este trabalho, agradecendo todo o esforço e investimento que fizeram para que um dia eu pudesse chegar até aqui. Foi por terem sonhado com este dia que ele agora torna-se real. Agradeço a disponibilidade, compreensão e apoio nos momentos mais difíceis. Ao meu irmão e à minha cunhada por nunca deixarem de acreditar em mim. Agradeço aos meus avós pelos bons exemplos, pelos bons conselhos e pelo carinho.

Agradeço a todos os meus amigos e colegas de curso. Deixo o meu encarecido agradecimento ao Filipe por todo o apoio, amizade e preciosa ajuda! Às minhas colegas e amigas Catarina, Filipa e Carolina, pelo apoio, ajuda e disponibilidade, e pela paciência! Reconheço que nem sempre é fácil conviver comigo. Deixo também um outro agradecimento ao meu colega e grande amigo Rui pela amizade e companheirismo. Agradeço também ao meu amigo Tiago pela amizade, pela disponibilidade e pela força! Enfim, e a tantos outros amigos, colegas, pessoas com quem me cruzei durante todos estes anos, pessoas com quem partilhei sentimentos, conversas, receios, paixões, devaneios e ambições. Ao ISPA por ter sido, e continuar a ser, a minha segunda casa e um espaço onde posso sonhar e crescer.

Por último, mas não menos importante, agradeço a participação dos disponíveis adolescentes que se prontificaram a ajudar-me com a sua contribuição, sem a qual não teria sido possível levar a termo este trabalho.

RESUMO

Este estudo teve como objectivo investigar as imagos parentais em rapazes pré-adolescentes. Como é sabido um dos principais desafios do desenvolvimento na adolescência é o da reorganização interna, que passa pela mudança e reestruturação da ligação infantil face aos objectos internos parentais. Como forma de tentar conhecer como se caracteriza e evolui a relação dos indivíduos com esses objectos internos infantis/imagos parentais desenhamos um estudo longitudinal (com um intervalo de doze meses), com uma amostra de cinco sujeitos. Dispusemos como instrumento uma prova projectiva, o T.A.T. (*Themathic Apperception Test*) que nos permitiu, por intermédio de cartões específicos, aceder à representação dessas imagos através das narrativas dos sujeitos. Embora não tivéssemos verificado diferenças significativas em todos os sujeitos, de um momento para o outro de aplicação do instrumento, encontramos em alguns evidências de modificações na representação e relação com as imagos parentais. Estas mudanças caracterizaram-se, sobretudo, por uma inscrição dessas imagos num registo de relacionamento objectal mais próximo do Edipiano. Encontramos também, nesses sujeitos, uma maior diferenciação e autonomia na relação com esses objectos internos.

Palavras-chave: Pré-adolescência; Imagos Parentais; T.A.T.; Estudo longitudinal

ABSTRACT

The objective of this study is to investigate the parental imagos in early adolescent boys. It's well known that one of the challenges in adolescent development is the internal object reorganization, which consists in restructuring the internal infantile objects ties. To understand the configuration and evolution of these parental imagos and the relation of the subjects toward them, we designed a longitudinal study (with an interval of twelve months), with a sample of five subjects. As an instrument we used a projective test, the T.A.T. (Thematic Apperception Test) which gave us the opportunity of accessing the subjects representation of these parental imagos through their narratives. Although we hadn't found meaningful differences among all the subjects, in some we found empiric evidence that it had occurred changes within the representation and relation of the subjects toward these imagos. These changes consisted, especially, by an entry in a more Oedipal type of object relation toward those imagos. We also found in these subjects greater differentiation and autonomy in relation to these internal objects.

Key-Words: Early Adolescence; Parental Imago; TAT; Longitudinal Study

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
ENQUADRAMENTO TEÓRICO	4
O CONCEITO DE IMAGO PARENTAL	4
DESENVOLVIMENTO NA ADOLESCÊNCIA	6
AS IMAGOS PARENTAIS E A PRÉ-ADOLESCÊNCIA.....	8
<i>O luto das imagos parentais na pré-adolescência</i>	8
<i>A re-estruturação do mundo interno</i>	10
<i>Implicações das Imagos parentais na pré-adolescência</i>	16
MÉTODO	23
PARTICIPANTES	23
DELINEAMENTO.....	23
INSTRUMENTO	23
<i>Cartão 2</i>	24
<i>Cartão 4</i>	25
<i>Cartão 5</i>	25
<i>Cartão 6BM</i>	25
<i>Cartão 7BM</i>	26
<i>Cartão 8BM</i>	26
<i>Procedimento</i>	27
RESULTADOS	29
ANÁLISE QUANTITATIVA.....	29
ANÁLISE QUALITATIVA	31
<i>Imago Materna (Cartões 5 e 6BM)</i>	32
<i>Imago Paterna (Cartões 7BM e 8BM)</i>	42
<i>Síntese das interpretações aos cartões 2 e 4</i>	52
DISCUSSÃO/CONCLUSÃO	54
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	57
ANEXOS.....	59
ANEXO A.....	60
ANEXO B	99
ANEXO C	101

INTRODUÇÃO

Adolescência é um conceito novo na história, tendo sido forjado a partir da modernidade e do Paradigma do Individualismo Ocidental. Muitos autores definem o século XX como o século da adolescência. O termo adolescência provém do latim *adolescens ou adulescens*, participio passado do verbo *adolescere* que significa crescer. No entanto, o termo puberdade, sendo já mais antigo, vem do latim *pubertus*, derivado de *púbis*, que significa pêlo. Segundo Ariés (1983), durante muito tempo não houve distinção entre crianças e adultos na sociedade, e somente após o nascimento de sentimento de família – característico do séc. XIX – onde o privado ganhou novos contornos perante o público, e as influências do romantismo e da instauração do conceito de individualismo, pode surgir a figura do jovem adolescente. Inicialmente distinguiam-se por diferentes vestimentas, como chapéus específicos ou saias sem calções, curiosamente já agrupados em escolas, classes, grupos de escoteiros ou religiosos.

Assim sendo, a adolescência nem sempre foi considerada um período de desenvolvimento, sendo que só na segunda metade do séc. XIX começou a ser considerada como tal. Até então, só se entendia a adolescência com base no desenvolvimento físico, e não como uma fase do desenvolvimento psicológico. Geralmente, os indivíduos passavam pela puberdade e entravam no mundo adulto – uns iam trabalhar, outros iam para a guerra. Com o despontar da revolução industrial, esta situação conheceu mudanças, visto que, até então, os adolescentes (por serem considerados adultos) eram vistos como uma força de trabalho legítima.

Na segunda metade do séc. XIX inicia-se a revolução industrial. Assim sendo, as tarefas neste sector tornam-se mais complexas, surgindo a necessidade desta mão-de-obra adolescente ter formação. Deste modo, alargando-se o período de aprendizagem, alargou-se também a adolescência. Doravante, até aos dias de hoje, com a democratização do ensino e o progressivo aumento dos anos de formação (entrada em cursos), adiou-se a entrada no mundo adulto.

Anteriormente, no séc. XIX, por se entrar no mundo adulto prontamente, era possível constituir família mais cedo. Nos dias de hoje, o adolescente demora mais tempo a entrar no mundo adulto. Fica muito tempo separado da vida adulta e, ainda não sendo adulto, também já não é uma criança – fica num limbo. Isto originou diversas dificuldades, sendo exemplos disso mesmo o hiato entre a maturidade sexual e a obtenção de um estatuto adulto, já que

impuseram um período de espera: eram maduros mas não podiam ser adultos, realização essa que podia apenas ser desejada. Este tempo de espera foi-se alargando até aos dias de hoje. Por conseguinte, esse mesmo tempo de espera leva a que o indivíduo realize aspirações a vários níveis (sexual, amoroso, profissional). O facto de ter esperança – aspiração, torna-se numa marca do adolescente. A adolescência torna-se, portanto, o ponto de espera para as realizações. Reflectindo, deste modo, a ideia mais consensual acerca da adolescência entre as diferentes abordagens teóricas é a de um período de desenvolvimento assente na espera para os compromissos de natureza psicossocial – o que Erikson apelidou de moratória psicossocial.

A adolescência é, também, uma fase de ruptura com a infância, na medida em que lhe é descontínua, ou seja, é com o início do aparecimento de um corpo sexuado que a harmonia e a homeostasia da infância são postas em causa e o movimento *adolescens* é posto em marcha.

A puberdade surge por volta dos 11 anos nas raparigas e um pouco mais tarde nos rapazes, marcando um ponto de viragem. O rapaz é púbere a partir dos primeiros pêlos púbicos, e a rapariga a partir da menarca (primeiras menstruações), pubarca (primeiros pelos púbicos) e telarca (crescimento dos seios), muito embora outras características da sexualidade emergente lhe estejam associadas. A este desenvolvimento biológico vem associar-se o desenvolvimento psíquico que, intrincado na pubescência, singulariza uma fase muito sensível da adolescência denominada de pré-adolescência, sendo que é esse desenvolvimento psíquico que sustenta o desenvolvimento biológico.

O pré-adolescente situa-se, deste modo, numa encruzilhada em que, por um lado, terá de integrar um corpo sexuado e aceder a uma identificação sexual e, por outro, terá de se mobilizar de modo a poder metabolizar as pulsões, e a ansiedade delas decorrente, que o desenvolvimento biológico determina. Tudo isto leva a que o pré-adolescente se veja compelido a reorganizar o seu mundo interno enquanto que, em simultâneo, o seu mundo externo, relacional e social, muda. Por um lado, porque conhece fronteiras mais largas que as da família, por outro, porque o pré-adolescente adquire novas competências cognitivas que, além de alargarem e questionarem a sua concepção de mundo, põem em causa a representação, externa e interna, que este tem dos seus pais. Em nenhum outro momento o sujeito fica mais exposto ao meio social que na pré-adolescência. E é nesta altura também, mais do que em qualquer outra, que começa a ser testada a consistência interna da estrutura familiar (Matos, 2005).

Todas estas mudanças que acontecem a nível somático e psíquico levarão, inexoravelmente, o pré-adolescente a viver e a reviver vários conflitos com as figuras parentais. A revivência edipiana, trazida a conflito pela emergência das pulsões sexuais,

reactiva angústias inerentes ao incesto e à castração. Neste estado de coisas, a representação interna dos pais, isto é, das imagos parentais da infância não poderá mais ser mantida, sob pena que a reactivação de angústias e fantasmas arcaicos levem, perigosamente, o ego frágil do adolescente a estados permanentes de regressão. Assim, é no período da pré-adolescência que a *grande marcha* da reestruturação mental dos objectos internos (infantis) terá início. A sua demanda de base será, portanto, abrir caminho à autonomia, para que o processo da constituição da identidade adulta seja o mais criativo possível.

Este estudo que apresentamos surge da vontade de conhecer melhor como se estruturam, caracterizam e evoluem estas imagos durante o período da pré-adolescência, numa amostra do sexo masculino. Este estudo pretende contribuir com novas perspectivas teóricas que possam, de certa forma, enriquecer, também o domínio da clínica do adolescente. Neste sentido, queremos também ter como referência; marco na nossa bússola, o adolescente de hoje em dia, que é seguramente diferente do adolescente do início do Séc. XX. Não pretendemos com esta referência propor uma abordagem sociológica do nosso objecto de estudo, pretendemos antes criar ligações, pontos e pontes de discussão e reflexão; formas múltiplas de olhar para um fenómeno, ele próprio, multifacetado.

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

O Conceito de Imago Parental

De acordo com J. Laplanche e J.-B. Pontalis, (1995, pag. 305/306) imago diz respeito ao “protótipo inconsciente de personagens que orienta de preferência a forma como o indivíduo apreende o outro; é elaborado a partir das primeiras relações inter-subjectivas reais e fantasmáticas com o meio familiar (...). A Imago pode portanto objectivar-se, quer em sentimentos e comportamentos, quer em imagens. Acrescente-se que ela não deve ser entendida como um reflexo do real, mesmo mais ou menos deformado (...)”. Esta útil definição encontramos no dicionário de psicanálise, contudo, a nosso ver, quem se referiu a este conceito de forma mais fecunda foi Klein.

De acordo com Klein (1929), as imagos parentais aparecem ligadas à noção de objectos internos e de um mundo imaginário característico das crianças muito pequenas. As imagos fazem parte da fantasia dos bebés desde muito cedo. Desde o início da vida extra-uterina, o bebé encontra-se num estado de exposição a diversos estímulos sentidos por ele como violentos – internos e externos, num estado de desintegração tão característico deste período da vida, donde nem sempre a função contentora e transformadora do objecto materno se encontra disponível. Klein(1929) , e outros teóricos da escola de relações de objecto que seguiram o seu trabalho, preconizaram que, desde muito cedo, os bebés e as crianças pequenas adoptam um extenso e diversificado arsenal de medidas defensivas, de modo a protegerem-se contra a dor e a perda (Waddel, 2003), ou, como inicialmente postulou Klein (1929), contra a ansiedade gerada pelo superego primitivo.

Sendo a mãe o primeiro objecto de relação do bebé, é essencialmente através desta que o mundo interno da criança será originalmente construído. Neste mundo interno que, segundo Klein seria habitado por objectos parciais – o bebé não tem ainda a capacidade de conhecer e, portanto, introjectar um objecto total, as suas experiências externas seriam, de certo modo, divididas em boas – experiências de satisfação, e em más – experiências de frustração o que, ao serem introjectadas iriam originalmente constituir o protótipo de bom e mau seio, respectivamente. É com estes primeiros objectos parciais e com outros: como o pénis paterno, o leite, o olfacto, fezes, urina, que a criança irá entreter uma profusão de fantasias no seu mundo interno. Neste mundo fantástico concebido por Klein, através do seu método de análise de crianças – o brincar, esta preconiza que o frágil ego do bebé iria desde cedo

empreender uma luta; um esforço de negociação entre os seus impulsos destrutivos e à ameaça do superego primitivo que, segundo Klein, seria uma consequência da projecção e, depois, introjecção da agressividade. Como é óbvio, a agressividade do bebé concretizada nos ataques imaginários ao corpo materno e aos seus conteúdos, seriam uma consequência directa da experiência de frustração, de privação. Nesta fase tão precoce, á qual Klein daria o nome de posição esquizoparanoide, o bebé é incapaz de experimentar a ausência, assim esta experiência a ausência do bom objecto como o equivalente a um ataque pelo mau objecto. Neste sentido, o bebé tenderia a clivar, como acima mencionámos, o objecto numa parte boa e numa parte má, negando tanto a frustração quanto o afecto persecutório. (Kristeva, 2001) Assim, nesta fase a dor e perda seriam dominadas por processos defensivos primitivos como: negação, crença na onnipotência do eu, projecção, desintegração das experiências do eu e do mundo em extremos de bom e mau. (Waddel, 2003). As características das imagos primitivas descritas por Klein em seu trabalho são, de certo modo, o corolário destes processos defensivos que operam desde cedo no imaginário infantil.

A formação das imagos internas, segundo Klein (1929), sobrepõem-se à formação do superego primitivo, sendo estas em primeira instância o seu representante. Como aludimos acima, no auge da ambivalência oral o bebé em fantasia ataca o corpo materno e os seus conteúdos, tornando-se o corpo materno fonte de ansiedade uma vez que, como consequência directa de sua agressividade, a criança imagina-se sendo retaliada e perseguida no interior do corpo da mãe por figuras fantásticas. (Segal, 1975) Estas figuras fantásticas são interiorizadas e carregam a marca dos impulsos destrutivos da criança, sendo estas as personagens que devoram, dilaceram, despedaçam. Por outro lado, à medida que as experiências de satisfação com os pais reais se vão repetindo, esses pais vão também sendo introjectados como bons, originando imagos boas, porém não menos fantásticas (Segal, 1975). De certo modo, a polarização destas figuras internas é consequência da incapacidade da integração do ego e objecto que mencionámos anteriormente. Enquanto o mau seio, saturado em agressividade se torna na parte persecutória do ego, o bom seio torna-se efectivamente, no núcleo do ego e no garante da sua força. Contudo, segundo Klein, nesta fase o bom objecto corresponde á idealização do seio, sendo esta uma contrapartida da clivagem do ego, facto pelo qual, o reforço das suas qualidades boas é uma forma de contrariar o medo de perseguição do mau seio persecutório (Kristeva, 2001).

Esta ideia acerca da polarização de figuras fantásticas é encontrada em Klein num de seus célebres artigos: *Personification in child play* (1929). Neste artigo, a autora refere que a presença de imagos com características fantásticas, boas e más, representam estágios

intermediários entre um superego terrivelmente ameaçador, completamente dissociado da realidade e as identificações que se aproximam mais da realidade. Assim, de certa forma a autora preconiza que quanto mais o desenvolvimento do superego e o desenvolvimento libidinal avançam em direcção a um nível genital, deixando para trás os níveis pré-genitais, mais as identificações fantásticas e realizadoras de desejos se aproximam dos pais reais. Assim, segundo a autora, as imagos adoptadas pela criança numa fase inicial de desenvolvimento do ego carregam a marca dos impulsos pulsionais pré-genitais, apesar de estarem sobrepostas nos objectos edipianos reais. Os níveis mais iniciais são responsáveis pelas imagos fantásticas que mencionámos previamente, aquelas devoram, cortam em pedaços e dominam, podendo ser observado nestas uma mistura de vários impulsos pré-genitais em acção. Contudo, Klein (1929) menciona que, com a evolução libidinal essas imagos são introjectadas de acordo com a influência dos pontos de fixação da libido. No entanto o superego como um todo é composto das várias identificações adoptadas nos diversos níveis de desenvolvimento, cuja marca este ainda carrega. Segundo Klein (1929), com o advento da latência, o desenvolvimento do superego e da libido chega ao fim. Durante o seu processo de construção, o ego emprega a sua tendência para a síntese ao tentar formar um todo através das diversas identificações. Deste modo, quanto mais extremas forem as imagos, maior será o fracasso dessa síntese e mais difícil será mantê-la, bem como atingir um equilíbrio entre o superego, o id e realidade.

Desenvolvimento na Adolescência

A adolescência enquanto objecto de estudo somente conheceu a sua época áurea na segunda metade do século XX, período em se que assistiu a uma profusão de investigações e publicações de artigos sobre esta matéria. A maioria dos estudos efectuados incidia sobre o fenómeno universal da adolescência, a saber: a puberdade. Desta forma, os primeiros estudos científicos eram sobretudo de índole fisiológica/médica, incidindo sobre o estudo das modificações corporais à passagem da infância para a idade adulta. Contudo, apesar de todo o positivismo em redor do estudo da puberdade enquanto fenómeno estritamente físico, o estudo das transformações psicológicas da adolescência nem sempre foi um terreno fácil de calcorrear, isto porque a adolescência não é só um processo físico, é também um processo psicológico e social.

O processo fisiológico chave da adolescência é a puberdade. Derivado da palavra “pubertas”, que significa adulto, é um termo que do ponto de vista técnico refere-se ao período durante o qual o indivíduo se torna capaz de reproduzir-se sexualmente. Mais genericamente, a puberdade abrange todas as mudanças físicas que ocorrem no indivíduo enquanto este passa da infância para a idade adulta (Steinberg, 2008). Segundo Marschall, (1978, cit. por Steinberg, 2008) a puberdade consiste em cinco principais manifestações: 1) Uma aceleração rápida no crescimento, resultando num aumento drástico no peso e altura; 2) O desenvolvimento das caracteres sexuais primários, incluindo o desenvolvimento posterior das gónadas, nomeadamente os testículos no homem e os ovários na mulher. 3) O desenvolvimento dos caracteres sexuais secundários, que envolve mudanças nos órgãos genitais e seios, e também o crescimento do pelo púbico, facial e corporal. 4) Mudanças na composição corporal, especificamente não quantidade e distribuição de gordura e musculo. 5) Mudanças no sistema circulatório e respiratório, levando a uma maior força e tolerância ao exercício. Cada um destes conjuntos de mudanças é o resultado do desenvolvimento no sistema endócrino e no sistema nervoso, muitas começam anos antes dos sinais externos de puberdade sejam evidentes. A puberdade pode parecer ser repentina, tendo em conta os seus sinais exteriores, mas na verdade é um processo gradual que começa pela altura da concepção. (Susman & Rogol, 2004, cit por Steinberg, 2008).

Se é certo que o objectivo do processo pubertário é dotar o indivíduo de um corpo sexual ou sexuado, capaz de conceber, a verdade é que do ponto de vista psicanalítico o indivíduo já há muito lida com a sua sexualidade. Em rigor, já desde o primeiro ano de vida que este se debate com o vigor das pulsões, percorrendo importantes fases pré-genitais da organização sexual, ao mesmo tempo que vai construindo um aparelho psíquico. Contudo, o advento da maturidade sexual na adolescência vem adicionar novos elementos, perturbando o equilíbrio de forças psíquicas que se haviam consolidado ao longo da latência. Segundo A. Freud (1936), o processo fisiológico que marca o início da maturidade física sexual é acompanhado pela estimulação dos processos pulsionais, a qual é transportada para esfera psíquica, na forma de um influxo de líbido. Desta forma, no período da pré-adolescência, assiste-se ao aumento quantitativo da pressão pulsional, levando a uma catexia indiscriminada de todos os modos de satisfação libidinal e agressivos que serviram bem à criança durante os seus primeiros anos de vida (Blos, 1998). Esta condição leva ao reaparecimento mais ou menos amplo da pré-genitalidade (Freud, 2006) Assim, o ego recorre a compromissos defensivos ensaiados anteriormente para resolver as exigências pulsionais, facto pelo qual se assiste a uma intensificação de defesas como a repressão, formação reactiva, deslocamento, bem como

a tendência por parte do pré-adolescente a praticar acções super compensadoras, tais como o comportamento compulsivo e os pensamentos obsessivos, por forma a conter a ansiedade (Blos, 1998).

Neste sentido, o reaparecimento da pré-genitalidade traduz-se num comportamento muito típico por parte do indivíduo, constituindo o marco do final da latência. Os meninos evidenciam um aumento da mobilidade difusa, da voracidade oral; de actividades sádicas e actividades anais; de linguagem “suja” e indiferença pela limpeza; fascinação pelos cheiros, e também de jogos fálicos e exibicionistas (Blos, 1998).

O aumento da pressão pulsional, associada aos fantasmas que a acompanham, vão tornar inadequada e obsoleta a relação que o sujeito, até então, mantinha com os seus objectos parentais. Segundo Braconnier e Marcelli (2000), as transformações psíquicas da puberdade originariam um processo psíquico – designado por *pubertário* (Gutton, 1991 cit. por Braconnier & Marcelli, 2000), no qual se daria conta da pressão exercida por parte do real biológico sobre as três instâncias psíquicas. Segundo estes autores, esta pressão vem embater com a barreira do incesto herdada pela elaboração do conflito edipiano. Assim, as vicissitudes ligadas ao vivido desta organização pubertária, relacionam-se com a pressão da pulsão e o seu novo alvo – genital, bem como as questões ligados ao *horror* da interpretação dos investimentos incestuosos e a subsequente procura de suportes por parte do Superego. Isto porque, a aliança estabelecida no período de latência, entre Ego e Superego, desfaz-se. Assim, segundo estes autores, estes elementos presentes na organização do púbere seriam susceptíveis de tornar vacilante a prova de realidade (Braconnier & Marcelli, 2000). Neste sentido, uma das implicações mais prementes do desenvolvimento pubertário é o da reorganização interna das relações de objecto infantis.

As Imagos Parentais e a Pré-adolescência

O luto das imagos parentais na pré-adolescência

Como é comumente aceite, um dos desafios mais preponderantes da adolescência diz respeito à conquista da autonomia em relação às figuras parentais. Esta autonomia não significa independência, traduz-se antes na necessidade do adolescente se separar, de procurar os seus limites, tanto no que respeita a limites corporais, limites intelectuais e limites sociais

(Braconnier. & Marcelli, 2000). Em análise última, trata-se de renunciar aos laços da infância e progredir na conquista do seu próprio *Self*. Neste sentido, este movimento altamente complexo exige uma disjunção; um conflito, com os pais da infância, tanto os pais externos quanto os internos, aos quais apelidamos aqui de Imagos Parentais. Tendo em conta o desenvolvimento pulsional do indivíduo com o desencadear da puberdade, a forma de apreensão e a relação com os pais da infância torna-se desajustada: causadora de angústia. Quer isto dizer que, como acima referimos, à medida que o corpo se transforma e se especifica do ponto de vista sexual as relações externas e internas com os pais vão ter de se transformar, sob pena do sujeito sucumbir à ameaça de fantasmas incestuosos e, também, de desejos parricidas, por vezes quase conscientes (Braconnier & Marcelli, 2000).

No mesmo sentido, Dias Cordeiro (1988), ao discorrer acerca do desenvolvimento adolescente, menciona que a mudança de relações com os pais (internos e externos) é o primeiro momento organizador da adolescência, processo ao qual este apelidou de *luto das imagos parentais*. (1988) Este autor preconiza que, ao longo da infância, através de processos de imitação, introjecção, identificação (desde as identificações pré às pós-edipianas), a criança vai, sob pressão do Superei, interiorizando uma imagem assexuada dos pais, a que classicamente se chama imago parental. Assim, este defende que, na senda das transformações corporais inerentes à maturação biológica que ocorre durante a puberdade, torna-se imperativo o reajustamento do adolescente face a si próprio e às pessoas que o rodeiam de forma a poder integrar o novo esquema corporal, cuja essência é a de um corpo sexuado. Segundo o autor, a necessidade de realizar este luto deve-se: à maturação dos órgãos genitais, e à respectiva intensidade da irrupção dos instintos sexuais (Id); bem como às restrições morais do Superego face à imagem dos pais que, como a do próprio, se tornaram sexualizadas. Em consonância com esta perspectiva Blos (1962) preconiza que o entusiasmo da “libertação” dos objectos infantis interiorizados, ou das representações dos objectos parentais, é complementado pelo um afecto depressivo que acompanha esta perda de objecto, sendo comparável a um processo de luto.

A desistência dos pais enquanto figuras libidinais é uma das primeiras implicações do desenvolvimento na adolescência, uma vez que o facto da revivência dos fantasmas edipianos, aliada à activação de uma pulsionalidade nunca antes experimentada, constringe o Ego. Este fenómeno psíquico traz consigo uma nova demanda, dolorosa, mas indispensável ao crescimento psíquico, que é a de manter à distância as figuras parentais infantis, com as quais a relação se tornara proibida.

Efectivamente, segundo Dias Cordeiro (1988), com o desenvolvimento genital as imagos parentais revestem-se de fantasmas arcaicos, o que provoca no adolescente a necessidade de se distanciar dos seus pais fantasmáticos e reais: “A tomada de consciência do perigo real do conflito edipiano é vivenciada pelo adolescente com uma intensa angustia e culpabilidade e acompanha-se de uma por uma perda da auto-estima comparada a uma ferida narcísica.” (Cordeiro D., pag. 18). Segundo Slansky e Morris (1984), esta vulnerabilidade é atribuída ao desencadear da disrupção da coesão da estrutura da latência e ao aumento hormonal da pubescência. Esta ideia vai ao encontro da ideia anterior, uma vez que os mecanismos reguladores da tensão, adquiridos previamente – com a dissolução do conflito edipiano, não são mais adequados para manter a coesão e integração da personalidade uma vez que o narcisismo do individuo é perturbado. Assim, o esforço psíquico que o adolescente irá empreender terá como objectivo restabelecer o equilíbrio narcísico e reorganizar o sistema relacional face às imagos parentais, vendo-se este obrigado a afastar essas imagos como forma de se afirmar.(Cordeiro, 1988) Assim, a ideia de luto neste autor está relacionada à ruptura das relações objectais infantis. Através do luto das imagos parentais, concretiza-se o abandono definitivo e irreversível do amor primitivo, abrindo caminho para uma reorganização completa da personalidade, que permita ao adolescente uma orientação para novos objectos de relação (Cordeiro, 1988).

Esta nova demanda impele o jovem adolescente para fora do núcleo familiar restrito, isto é, não só os pais são desinvestidos enquanto objectos primitivos mas também enquanto objectos edipianos, pelo que a respectiva mudança objectal, do meio familiar para o meio extra familiar, configura-se enquanto passo necessário ao desenvolvimento da autonomia e da identidade. Porém, como já antes havia sido mencionado, embora as mudanças sejam de início arrebatadoras, o desenvolvimento posterior irá se efectuar paulatinamente, acompanhando não só o subsequente desenvolvimento biológico bem como a maturação psíquica.

A re-estruturação do mundo interno

Ao longo deste enquadramento temos recorrido acerca da forma como as transformações corporais da adolescência são transpostas para o plano psíquico. Chamámos a atenção para a forma como o surgimento da genitalidade vem mudar o equilíbrio das instâncias mentais, através de um aumento quantitativo na economia pulsional. Por fim, fundamentámos a necessidade do adolescente reorganizar as suas relações objectais, nomeadamente, distanciar-se dos objectos internos infantis. Neste ponto propomo-nos a abordar, mais detalhadamente, a

forma e as “estratégias” que o adolescente adopta para transcender os objectos infantis e reorganizar a sua estrutura psíquica. No cômputo geral podemos dizer que é sobre as fundações da identidade a devir que nos iremos debruçar.

Além da notória repercussão que a maturação sexual tem ao nível da organização pulsional no pré-adolescente, uma outra mais exigente lhe sobrevém, que aquela de encontrar um espaço psíquico adequado que permita a integração das mudanças sexuais num registo identitário, forçosamente, novo. Este movimento implica uma actualização do Self, das pulsões, e das suas relações de objecto, isto porque a emergência da maturidade sexual, como vimos, vem tornar as relações e laços infantis obsoletos e insustentáveis. Neste sentido, como mencionámos anteriormente, uma das demandas primordiais do adolescente é o desinvestimento libidinal dos objectos edipianos e pré-edipianos. Esta mudança solicita ao adolescente que abra mão da dependência familiar de forma a tornar-se um membro da sociedade, ou simplesmente, do mundo adulto. Trata-se, portanto, de uma transição complexa e gradual, à qual Blos (1965) apelidou de segundo processo de individuação: “A individuação na adolescência reflecte as mudanças estruturais que acompanham a separação emocional dos objectos infantis interiorizados (...) a acumulação das alterações do ego, paralelas à progressão pulsional em cada fase da adolescência, resultam em inovações estruturais, as quais são identificadas como a segunda individuação (pag.165).” Com esta citação abrimos caminho a um dos tópicos mais candentes da psicologia do adolescente, que é a re-estruturação psíquica.

Uma importante mudança estrutural levada a cabo por este movimento de desalojamento dos objectos internos infantis, é a perda do Eu Parental, isto é, o ego parental deixa de estar disponível enquanto extensão do ego do indivíduo. Até à adolescência o ego parental havia estado ao serviço do controlo da ansiedade e da regulação da auto-estima. Para efeito, basta lembramo-nos da perfeita sintonia que caracterizava a relação entre ego e S.E. (objectos externos), do indivíduo na latência (Freud, 2006), facto pelo qual este suporte constituía, naturalmente, um componente essencial do ego da criança.

De acordo com Blos, (1965) o processo de desinvestimento dos objectos infantis renova o contacto do ego com as suas pulsões e posições infantis – já havíamos visto como a pré-genitalidade irrompe na estrutura da latência. A reinstituição destas posições é um componente essencial deste processo de desinvestimento, uma vez que é através desta que funções do ego relativamente estáveis, bem como o S.E., irão sofrer algumas flutuações e mudanças nas suas funções executivas. O mesmo que dizer que o adolescente necessita de entrar em contacto com as paixões da sua infância de forma a alquebrar as suas catexias

originais (Blos, 1965). O envolvimento das funções do ego e do S.E. com as relações de objecto infantis que vai permitir o que Blos (1965) concebeu como a reestruturação psíquica na adolescência através da regressão. Os movimentos regressivos das pulsões e do ego na adolescência são, segundo este autor, um componente obrigatório da adolescência normal, uma vez que operam ao serviço do desenvolvimento. A regressão do ego conota a experiência renovada de estados do ego que haviam sido abandonados, ou parcialmente abandonados, e que constituíam cidadelas de segurança ou formas especiais de lidar com o stress. Contudo, não se tratam propriamente de mecanismos de defesa, pois quando usados estritamente com esse propósito não servem o desígnio da individuação, constituindo, antes, um impasse

A regressão do ego pode ser encontrada, a título de exemplo, no renovar da experiência de estados traumáticos da infância, no comportamento delinvente; no retorno à linguagem da acção: na qual se encontram as somatizações típicas da adolescência; no idolatrar da adolescência: que acaba por ser um equivalente da idealização parental nos primeiros anos de vida, lembremo-nos da importância que tal facto possui no equilíbrio narcísico da criança. A regressão também pode ser encontrada em estados próximos da fusão no domínio das representações simbólicas (ideias ou ideias políticas; filosóficas) são estados vistos como uma salvaguarda contra uma fusão total com os objectos infantis interiorizados (Blos, 1965). Uma contribuição importante nesta concepção, é o facto do fenómeno da regressão na adolescência fazer uma ponte entre a infância e os desafios do desenvolvimento na adolescência, uma vez que remetem para fases críticas do desenvolvimento infantil que são, de algum modo, retomadas nesta fase. Assim, o que o autor preconiza é que a regressão (limitada) do ego pode apenas ocorrer num ego relativamente intacto, uma vez que esta põe o ego à prova. Como havíamos apontado anteriormente, até à adolescência, o ego parental encontra-se disponível para a criança, emprestando estrutura e organização ao seu ego como uma entidade funcional. A adolescência rompe essa aliança e a regressão do ego deixa a nu o carácter intacto ou defeituoso da organização precoce do ego, proveniente da passagem pela primeira fase da separação-individuação, no segundo e terceiro anos de vida (Blos, 1965).

Em consonância com o que postula Blos (1965), Josselson (1980) defende que batalha pela autonomia dos adolescentes é tida com os introjectos, sendo que o mais problemático é o S.E. arcaico, proibitivo.

Na latência o Ego é dominado pelo S.E, uma vez que estes objectos internos são repressivos do ponto de vista sexual, o ego tem de lutar para se separar do seu domínio na adolescência. Neste sentido, a forma que o adolescente tem de controlar o S.E. e manter uma autonomia interna é projectando o S.E. para o exterior, para que o Ego do adolescente possa

lidar com este como se fosse um conflito exterior. Como já havíamos mencionado, um dos desafios do ego adolescente – que emerge fora da tutela dos objectos parentais infantis, é a regulação interna da auto-estima. Este processo é deveras importante, uma vez que a re-estruturação do Ego durante a adolescência passa pela capacidade gradual desta instância para regular internamente a auto-estima. Segundo Josselson (1980), para que esta tarefa seja levada ao seu termo, as más representações de si, mantidas anteriormente, têm de ser libertadas da sua associação com a culpa e com função de amor-próprio (Self-loving) do S.E. Assim, o ego do adolescente tem de dissociar a auto-estima das vicissitudes do ambiente – personificadas nos seus pais, e das valências das representações do self por parte do S.E. Este processo envolve a construção de imagens de si estáveis e testadas na realidade que possam resistir à culpa arcaica e reprovação real. Blos (1998), postula o desenvolvimento de um Ego autocrítico no início da adolescência que serve para complementar e, eventualmente, suplantar os aspectos auto-valorizantes do S.E. (ser um bom menino). A reorganização das representações do self durante a adolescência e sua libertação das representações de objecto correspondentes, tem lugar através da diferenciação de identificações. As identificações defensivas anteriores são reformuladas em funções adaptativas do ego ou descartadas (Blos, 1998). Identificações experimentais de carácter transitório são adoptadas como forma de testar a sua funcionalidade enquanto mecanismos estabilizadores. A importância de ser como, ou igual, aos pares, compensa a perda sentida através do repúdio selectivo de identificações com os pais. O sentimento de partilhar qualidades com um objecto valorizado provém o adolescente de uma fonte valiosa para novas identificações.

Segundo Blos (1965) a fome do adolescente para afiliar-se ao grupo tem uma função defensiva que consiste em dissipar a experiência de vazio interior, prevenindo também que este se retire do convívio com os outros em face do conflito interior. A função adaptativa deste aumento no interesse no mundo social é provir ao adolescente de experiências de partilha do Eu e novas identificações.

Á medida que o ego aumenta o seu ascendente na condução do indivíduo, aspectos do S.E. que são problemáticos e indutores de culpa são projectados para objectos reais. Estas projecções são mantidas enquanto o ego consolida as suas capacidades noutras áreas do funcionamento do ego que são menos conflituosas e que levantam menos ansiedade. O perigo de ataques demasiadamente abruptos no S.E. está na potencial quebra do frágil equilíbrio narcísico do adolescente. A resolução do problema da onnipotência infantil é feita através da projecção da onnipotência para os pais e pela subsequente introjecção desses objectos onnipotentes como núcleo do S.E. (embora alguns autores localizem os introjectos

idealizados no ideal do Ego (Blos, 1998) e alguns no S.E.), a necessidade de satisfazer estes introjectos é crítica para a auto-estima do adolescente. Desta forma, o Ego tem de se debater de forma a constituir o sistema superego – ego-ideal de forma mais realista e assim realizar o luto da perda onipotência narcísica, substituindo-a pela auto-estima. As dificuldades envolvidas em desistir da crença em objectos onipotentes são demonstradas na vulnerabilidade do adolescente a gurus a Messias e a outros líderes.

Durante a adolescência, enquanto que estes introjectos são desidealizados o ego experiência um sentimento de vazio, de vulnerabilidade e a perda de uma função protectora interna (Blos, 1965).

À medida que o ego luta para tomar sobre seu poder funções previamente asseguradas pelo S.E, este tem de estar preparado para abdicar do amor-próprio fornecido pelo superego. O amor dos pais onipotentes, previamente estruturado no S.E., tem de ser substituído pelo amor do self, ou do self em devir. A maioria da fantasia e jogo do adolescente faz parte da promulgação do narcisismo transmutado, cujo objectivo é substituir a perda do amor do S.E.

No início deste trecho havíamos sublinhado a importância do adolescente retirar a libido ligada (cathexia) aos objectos infantis interiorizados, antes deste poder empreender uma busca de um objecto extra-familiar. Contudo, esta busca é precedida por uma transformação dessa libido objectal numa libido narcísica, isto é, a libido é retirada dos objectos internos e externos e desviada para o Self. Esta transição na libido resulta na tendência do adolescente a ficar centrado; absorvido em si, bem como origina os típicos sentimentos de grandiosidade e de poder, levando este a considerar-se independente dos objectos de amor e ódio da infância. Da mesma forma, Kohut defende que a grandiosidade do self (Kohut, 1971) é reactivada na adolescência na forma de fantasias diurnas para que a parcela do ego ligada à realidade chegue a novos termos com esta. O gradual reconhecimento das limitações reais do self vai substituindo progressivamente a grandiosidade no equilíbrio da auto-estima. À medida que a necessidade de gratificação proveniente do ideal narcísico se torna menos insistente, os aspectos narcisicamente investidos dos pais reais, e das imagos parentais internas, tornam-se menos catexizadas, abrindo caminho para que estes dependam das suas actividades como fonte de auto-estima, no processo o ego ganha autonomia.

A transição para fora do narcisismo é acompanhada pelo compromisso com a realidade objectiva, em que o self é experimentado como um iniciador de actividade, capaz de estabelecer e alcançar objectivos. (Fast, 1975 cit. por Josselson, R. 1980)

Embora todos os processos envolvidos no desenvolvimento do ego durante o curso da adolescência incidam na regulação interna da auto-estima, este movimento de transição das

fontes que asseguram a gratificação narcísica do superego para o ego, é talvez o mais importante. Ao rastrear a patologia da adolescência normal, encontram-se falhas neste processo. Rapazes adolescentes, com uma maturidade psicossocial baixa, foram incapazes de desprender-se das exigências irrealistas dos seus S.E. Isto é, através da interiorização dos padrões parentais para os quais lhes faltava o talento ou a vontade de almejar, estes rapazes adolescentes encaram a adolescência com grandes deficits, pois não conseguem satisfazer as exigências do S.E.; estes não conseguem mitigar com sucesso o poder do S.E. Desta forma, a reprovação do S.E., interfere com a colocação de objectivos realistas, porque todas as realizações são sentidas como não sendo suficientemente boas. Como resultado, muitos destes rapazes evitam a colocação de objectivos definitivamente, retirando-se para a passividade ou grandiosidade.

Durante o curso normal do desenvolvimento adolescente, tanto o poder quanto o conteúdo do introjectos são trabalhados. Contudo, os introjectos não são infinitamente flexíveis: um indivíduo é sempre, de algum modo, produto da sua própria história. O desafio do adolescente é modificar os introjectos que são flexíveis e modular aqueles que não o são e, acima de tudo, integrar o resultante mundo interno numa identidade exequível (Josselson, 1980).

A auto-consciência e auto-preocupação do adolescente estão ao serviço de descobrir que aspectos do self são maleáveis. É com algum choque que o adolescente percebe que não se pode inventar, que não se pode desprender de alguns traços. À medida que as representações do self e dos objectos vão sendo reorganizadas o adolescente pode experimentar uma perda no seu sentido de self na forma da pergunta: “quem sou eu?”. Há o sentimento que se ultrapassou formas prévias de ver o self e os outros, porém falta experiência para que as novas representações de self e objecto sejam confiáveis. Como resultado, o adolescente pode transformar a experiência em afecto, um sentimento intenso de aqui e agora, como forma de assegurar que o self existe. À medida que o ego autónomo for crescendo de forma mais estável, e mais convicta de pelo menos alguns aspectos do self, o perigo de perda da continuidade do ego torna-se menos presente.

Muito do trabalho de reorganização das relações de objectos internos decorre através da aprendizagem inter-pessoal com os pares. Não é tanto o conteúdo do objecto que é trabalhado mas sim a sua valência. Os adolescentes tendem a ter pares que amam e outros que odeiam. Segundo Blos (1965), este fenómeno é outra característica importante da individuação, enquadrada também no movimento regressivo da adolescência, a saber: a do retorno às relações ambivalentes. Segundo o autor, no movimento de desalojamento dos objectos primários de amor e de ódio, emerge uma especificidade dessas relações infantis, que é a

ambivalência. Essa ambivalência é caracterizada pela difusão pulsional, fenómeno constatável nos actos de agressividade crua, raiva e sadismo. As flutuações de humor: os estados de extrema labilidade, e as contradições no pensamento e no comportamento fazem parte deste quadrante. O estado de ambivalência é geralmente mal tolerado pelo adolescente, porém permanece para além da capacidade de sintetização do ego, sendo esta uma das tarefas finais da individuação na adolescência. De acordo com Josselsson (1980), à medida que o processo da adolescência progride o afecto é modulado, o jovem indivíduo torna-se mais capaz de sentir ambivalência para com um amigo, reconhecendo as suas características positivas e negativas simultaneamente. Mudanças similares tomam lugar em áreas de interesse e objectivos, à medida que o adolescente desiste do absolutismo caracterizado por um self dominado pelo S.E. Em vez de protestar contra as coisas, ou sentir desapontamento com a realidade, o adolescente progressivamente apreende os aspectos positivos e negativos do próprio, e também dos outros: self e objecto – do ponto de vista mental, o adolescente funciona por identificação projectiva, à partir do momento em que integra o bom e o mau deixa de projectar a pressão do S.E nas suas relações e no mundo. Este movimento do totalitarismo para o balanço é uma reflexão do aumento no controlo do ego em áreas anteriormente dominadas pelo S.E.

Em suma, segundo Josselsson (1962) o trabalho do Ego em relação ao mundo interno da adolescência, é tornar-se o guardião da auto-estima. Para que esta demanda seja levada a cabo, este tem de chegar a termos com os introjectos da infância, trabalhar investimentos narcísicos, e testar o self na realidade.

De forma geral o adolescente recentemente individuado não pode suportar sozinho peso de manter a auto-estima. Mas, ao contrário da criança, o adolescente, que em parte se livrou dos seus introjectos, pode escolher fontes exteriores de auto-estima. Não surpreendentemente os adolescentes escolhem frequentemente uma fonte externa de auto-estima que seja a mais parecida possível com o seu S.E. Neste sentido apontamos a importância que irmãos mais velhos, treinadores, professores, tem enquanto objectos transitórios no desenvolvimento adolescente. Os adolescentes são sedentos de outros que sejam firmes e definidos com os quais possa desafiar-se, avaliando-se (Josselsson, 1962).

Implicações das Imagos parentais na pré-adolescencia

Como vimos, as imagos, em conformidade com o desenvolvimento psicosexual da criança, pela altura da latência, atingem um ponto de equilíbrio (mais ou menos harmonioso)

com os objectos externos e internos, facto pelo qual se consagra a este período uma grande importância. O mundo interno da criança, aliviado de boa parte da ansiedade pré-genital que o caracterizava, permite agora ao Ego reunir esforços de forma a consolidar as suas funções em áreas livres de conflito, tais como a aprendizagem. Certo é que, como abordamos no capítulo anterior, esta harmonia na aurora da adolescência, no período pré-adolescente, será quebrada e toda a estrutura da latência será abalada. Esta ruptura, desencadeada pelo aumento da intensidade pulsional irá dar início a um processo de re-estruturação interna que, no imediato, passa pelo domínio da nova pulsionalidade, para um outro mais complexo, que é a da re-estruturação das relações internas, nomeadamente a relação com os pais internos (imagos). De acordo como mencionámos anteriormente neste enquadramento, as imagos parentais serão alvo de um processo similar ao de luto (Cordeiro, 1988), assinalando uma nova demanda que é aquela de restituir ao Ego do indivíduo funções que outrora eram garantidas e consagradas aos objectos internos parentais. Neste sentido, no processo de reestruturação do ego o grande desafio é, precisamente, este desligar-se emocionalmente desses objectos internos (Blos, 1965) e no processo ganhar autonomia. Contudo, na fase da pré-adolescência, o que assistimos é precisamente uma invasão da pré-genitalidade e uma reactivação sistemática das relações de objecto infantis.

Segundo Blos (1974) a reactivação das ligações a objectos infantis aparece nesta fase numa configuração disfarçada na forma de um envolvimento edipiano. Esta configuração pseudo-edipiana é o resultado de um esforço levado a cabo contra a regressão para as relações de objecto pré-edipianas. Trata-se de uma formação defensiva á qual Blos (1974) chamou de defesa edipiana do estágio inicial da adolescência. O perigo pulsional nesta fase provém da atracção regressiva para a mãe pré-edípica e o envolvimento pré-genital que essa regressão implica.

Efectivamente a mãe arcaica é regressivamente reanimada durante a fase da pré-adolescência na qual a maturação pubertária intensifica o poderio das pulsões. Esta nova condição leva a que o Ego do jovem adolescente necessite de reguladores de tensão (relações de objecto, defesas, adaptação, etc.) e o regulador de tensão original, a mãe arcaica, tornando-se neste ponto crítico uma fonte controlo e segurança. É preciso lembrar que, no estado avançado da pré-adolescência, a mãe arcaica existe como uma relação interiorizada, nomeadamente, como uma representação de objecto, isto é, uma imago, que havia estado num estado de repressão parcial até à adolescência. Basta para esse facto lembrarmos o que mencionamos antes neste enquadramento que, a mãe arcaica não é um indivíduo separado e contido em si próprio para a criança. Como vimos, através do que postulou Klein (cit. por

Kristeva, 2001) os estados de consciência na vida precoce reflectem a simples dicotomia entre satisfação e tensão – a primeira consiste em introjectar, a segunda em projectar. Neste sentido a mãe é compreendida numa dicotomia similar. Por um lado, a mãe arcaica é a fonte de toda a bondade; por outro, é a fonte de toda a maldade. Uma vez que o cuidado da criança envolve frustração, dor e tensão, sobrevive deste período uma relação de objecto parcial temida e odiada, a qual é identificada como a mãe arcaica malevolente. De acordo com este princípio também sobrevive, igualmente global e separada, a memória da mãe enquanto fonte de satisfação, encanto, segurança e bondade, à qual se identificamos como mãe arcaica benevolente (Blos, 1974). Ambas as componentes da mãe primitiva são preservadas nas representações de objecto durante muito tempo, resistindo à reconciliação por compromisso ou síntese. Elas exemplificam a ambivalência na sua polaridade irreconciliável original, assim como elas aparecem no início da vida mental.

A mãe arcaica é associada na mente da criança ao controlo do corpo e dos esfíncteres. O período de treino dos esfíncteres traz consigo novas funções corporais – tanto a retenção como a libertação, num sistema complexo de operações autónomas. Nelas podemos detectar a interacção de influências derivadas das necessidades pulsionais, dependência objectal, atitudes e interesses do ego e do superego. Enquanto o orgulho da mãe, prazer e louvor era antes uma recompensa que valia o preço de renunciar imediatamente às gratificações, no estado pubertário de maturação esta solução somente precipita os conflitos. É a sincronia da maturação pubertaria e da regressão pré-adolescente para a pré-genitalidade que põem em jogo a mãe pré-edípica na vida emocional do jovem rapaz adolescente. A regressão para a mãe arcaica, boa ou má, é temida pelo rapaz em maturação, que resiste à submissão passiva e ao cuidado receptivo. Apesar disso, a atracção regressiva ganha, ainda que de forma breve e transitória, e não surpreende que a mãe arcaica controladora, ameaçadora, e frustrante, seja transposta para o primeiro plano da consciência durante a pré-adolescência masculina.

Sendo este o período da maturação sexual e, conseqüentemente, da intensificação das pulsões dirigidas aos objectos, é obvio que a mãe arcaica será invocada para esta nova constelação pulsional. O seu papel controlador é posto em acção em consonância com a maturação sexual, em termos de castração. Esta é a situação típica de perigo do adolescente do sexo masculino. É responsável, em larga medida, pelo evitamento da mulher durante esta fase particular. Em sentido contrário, assiste-se à formação exclusiva de grupos de rapazes e à orientação do pré-adolescente para uma relação positiva com o pai. O facto do rapaz permanecer seguro dentro das relações confinadas a elementos do mesmo sexo faz com que se vislumbre facilmente o seu virar de costas, activo, para o sexo oposto. Face à sua mãe e às

mulheres em geral, observamos uma atitude de reserva e distância emocional, animosidade, ou mesmo uma rejeição crua e cruel (Blos, 1974).

Esta afirmação activa, ainda que defensiva, de ter transcendido as relações de objecto precoces é normalmente contrariada por movimentos regressivos, cujo alvo é restabelecer a receptividade pré-edípica e a dependência anaclítica. No despertar da regressão pulsional, o ego é atraído para estágios primitivos e abandonados. Pensamento mágico ou pré-lógico, uma vez mais, prolifera após o seu acentuado declínio no período de latência, altura em que os processos cognitivos de ordem lógica aparecem pela primeira vez claramente delineados da concepção animista do mundo. No rapaz pré-adolescente, o que observamos é uma racionalidade altamente desenvolvida e um poder de observação, que caminha lado a lado com o pensamento pré-lógico e crenças mágicas. As duas formas de pensamento, embora sejam contraditórias são no mínimo semelhantes no que respeita à sua valência motivacional. È este duplo padrão no pensamento que é responsável pelo comportamento contraditório do adolescente (Blos, 1974).

A regressão pulsional e a regressão nas relações de objecto são compreendidas através da sua interdependência: contudo, uma outra dimensão tem de ser adicionada, a qual Blos (1974) chama “imperativo maturador” da adolescência. É por esse motivo que estas se movem em direcções que são diametralmente opostas uma à outra. O estágio regressivo da pré-adolescência é caracterizado pelo domínio da dependência e dos desejos passivos. Tais posições infantis, contudo, são uma maldição para o rapaz pré-pubére, cuja maturação sexual seria, de facto, negada pela regressão aos cuidados receptivos e à submissão passiva à mulher. Não nos surpreende, portanto, que a atracção regressiva para a dependência objectal mobilize, ao mesmo tempo, a pulsão agressiva, para o propósito de defesa e da adaptação progressiva do adolescente. A pulsão agressiva aparece primeiro na sua forma infantil – nomeadamente, através das suas componentes sádicas, que haviam tido um papel importante em todos os estágios fulcrais do desenvolvimento pulsional infantil

Chegados a este termo, a questão que se impõe é a seguinte: como consegue o pré-adolescente desembaraçar-se desta relação paradoxal com a mãe arcaica, que percurso tem este de percorrer para poder actualizar as suas relações de objecto internas? Da mesma forma que o pai aparece, a dada altura, na vida mental da criança enquanto um terceiro elemento que põe fim ao solipsismo mãe-criança, também no início da adolescência o pai terá um papel fulcral no atenuar desta relação “aprisionante”, incentivando o caminho à diferenciação. Assim, a mãe arcaica torna-se dispensável quando uma nova fonte de abastecimento narcísico e de gratificações objectais, se torna disponível – nomeadamente, quando o pai é eleito como

objecto de amor. Este estágio curto e transitório tem consequências momentâneas porque é apenas com a sua dissolução que o rapaz é capaz de chegar à identificação masculina e a uma estrutura definitiva do seu ideal do ego (Blos, 1974).

Neste sentido, o segundo passo, durante a fase do início da adolescência, desenrola-se em torno do complexo de Édipo negativo. Nestes termos, a relação com o pai, na qual este é visto mais como um amigo do que um rival – muitas vezes idealizado, serve como forma de defesa contra a mãe arcaica que representa para o rapaz pré-adolescente uma ameaça de emasculação e infantilização. No início da adolescência o rapaz entra no Édipo negativo estabelecendo, primeiramente, uma escolha de objecto narcísica. Este movimento não é defensivo na sua natureza, pois traz à superfície os resquícios, ainda existentes, do amor edipiano passivo do rapaz pelo seu pai. Enquanto esta relação está em continuidade directa com o período de dependência pré-edípica, tendo-se então tornado numa constelação triangular, agora atribui à mãe o papel de rival – o jovem adolescente gosta de fazer coisas com o pai, deixando a mãe de fora delas. Desta forma, o jovem adolescente apega-se a uma imagem idealizada do pai, tornando-se o guardião e estabilizador do seu equilíbrio narcísico. Como na infância, o pai é idealizado de forma a assegurar um fluxo contínuo de sustento narcísico, sendo sentido pelo pré-adolescente como uma elevação na auto-estima e um sentimento de inviolabilidade. Assim, esta imagem parental tem não só o propósito de regular a ansiedade, por um lado, mas também de proteger o jovem adolescente contra a mãe arcaica e castradora. Paradoxalmente, o desejo de ter um pai grandioso reflecte a dependência pré-edípica a uma fonte externa – a mãe, para um sentimento de bem-estar (Blos, 1974).

O estabelecimento de um agente interno – ideal do Ego, capaz de garantir o sustento autónomo do narcisismo do indivíduo, faz-se às custas da neutralização da libido narcísica que, até então, havia estado ligada a posição edipiana negativa. Neste sentido, é com a resolução do complexo de Édipo negativo que a escolha de objecto homossexual, baseada em necessidades narcísicas, é abandonada e dá lugar a um ideal despersonalizado, isto é, abstracto (Blos, 1974). Estas mudanças coincidem com uma alteração na relação com o pai, para uma apreensão mais realista deste, e também para uma relação caracterizada pela luta e rivalidade.

Contudo, esta mudança, que significa também um passo à frente na individuação é experimentada com culpa e sentimentos de abandono. A apreensão realista dos pais é sempre vivida com sentimentos contraditórios. O desejo de independência aumenta o sentimento de perda e segurança – proveniente das imagos parentais infantis. O preço da independência é

tolerância da solidão, bem como a aceitação das limitações pessoais e o carácter temporário da vida (Blos, 1974).

Como pudemos constatar através deste excerto, o desenvolvimento na pré-adolescência parece forçar o jovem adolescente a reactualizar o seu mundo interno. A grande particularidade do desenvolvimento nesta fase é que, à medida que o pré-adolescente vai trilhando um percurso interno no espectro das relações de objecto infantis – actualizando no aqui e no agora, com os pais reais dilemas antigos, vai subliminarmente (isto porque é um processo pendular) perdendo os laços emocionais infantis com estes objectos. Sendo que, como vimos, o grande objectivo desta re-estruturação é consagrar o ego como o garante do narcisismo (Josselson, 1980).

Se o desenvolvimento na adolescência se faz entre recuos e avanços, entre estados de maior e menor organização, se nos é dado observar relações de objecto em domínios tão diferentes quanto o edipiano e pré-edipiano – das mais infantis àquelas que demonstram uma diferenciação mais nítida sujeito-objecto, parece-nos também plausível que a imagem desses objectos internos – das imagos, varie ao longo de todo o espectro de desenvolvimento. Quer isto dizer que, provavelmente, no seu mundo interno, o adolescente também se debate, simultaneamente, com uma profusão de imagens dos objectos infantis. Algumas serão, com certeza, mais próximas daquelas que Klein (cit. por Segal, 1975) descreveu: isto é, imagos parentais que carregam a marca das pulsões infantis, que são contemporâneas, do ponto de vista mental, dos processos defensivos arcaicos e com o pensamento pré-lógico que Blos descreveu. São as imagos polarizadas, aquelas que testemunham a divisão de ego e de objecto em parte boa e parte má, são aquelas também investidas com a onipotência infantil. Outras imagos serão com certeza de cariz mais edipiano, aquelas a que a revivência do conflito edipiano trouxe à fantasia através do aumento pulsional da puberdade.

Este trabalho surge da vontade de conhecer, de tentar perceber que tipos de imagos são as que povoam o mundo interno em re-estruturação do pré-adolescente. Neste sentido, empreendemos uma investigação na qual iremos usar uma prova projectiva que tem o condão de possibilitar o estudo das relações de objecto. Para tentar perceber como se desenvolvem, ao longo do tempo sujeito e objectos internos, desenhamos um estudo longitudinal.

Através do nosso corpo teórico percebemos que, no período pré-adolescente, há uma intensificação das relações ambivalentes e da importância das imagos pré-edipianas. Neste sentido, as nossas hipóteses levam-nos a esperar que, de um momento de aplicação para o

seguinte, assistamos a um desenvolvimento na nossa amostra que dê conta de uma evolução do Ego de posições mais infantis, para posições que testemunhem uma maior autonomia dos sujeitos em relação às imagos. Além disso, também temos a expectativa que os sujeitos da nossa amostra não só dominem melhor as pulsões, como as inscrevam num sistema de relações edipiano. No sentido de pormos à prova as nossas hipóteses, desenhamos uma investigação, cujo método pode ser consultado no próximo capítulo.

MÉTODO

Participantes

A amostra deste estudo é composta por um grupo de cinco rapazes pré-adolescentes, alunos do 8.º ano numa escola secundária da grande Lisboa, estes no primeiro momento de aplicação tinham 13 anos e no segundo momento 14. A amostra foi seleccionada de forma não aleatória e por conveniência, utilizando como critério de escolha a disponibilidade dos alunos em participar, e o facto de não estarem sinalizados por mau comportamento ou por dificuldades escolares.

Delineamento

Este estudo, de carácter longitudinal, compreende uma investigação qualitativa, do tipo exploratório, na qual se irá tentar perceber as modificações psíquicas – nomeadamente ao nível das imagos parentais, entre os participantes. Neste sentido, este estudo compreende dois momentos de experimentação idênticos, ou de aplicação do instrumento, com um intervalo aproximadamente de um ano.

Instrumento

O instrumento utilizado neste estudo é o T.A.T. (Teste de Apercepção Temática), sendo que optamos por “passar” alguns cartões e não o teste na íntegra, mais à frente iremos explicar qual o propósito subjacente a esta escolha.

O T.A.T criado em 1935 por Henry Murray. Esta prova tem como objectivo explorar a personalidade estudando o sentido dinâmico das diferenças individuais na percepção de um estímulo normalizado (Shentoub, 1999), e a escolha dos cartões a serem utilizados neste estudo será feito de acordo com os objectivos do mesmo.

Os cartões do T.A.T representam situações humanas clássicas ou situações de conflito universais. Com efeito em cada cartão existe uma referência permanente ao que especifica a condição humana. Face a um material objectivo, mas com ressonância em conflitos universais, existe um conteúdo manifesto e um conteúdo latente, susceptível de reactivar um ou outro nível de problemática.

Apesar de serem figurativas, as imagens são suficientemente ambíguas para remeterem para diferentes interpretações; o sentido conferido a cada imagem estará ligado a memórias - especialmente do tipo afectivo - de situações semelhantes pelas quais o sujeito tenha passado. Cada cartão tem uma temática presente, já que cada imagem reenvia para um tema específico (depressão, agressão, triangulação...).

A análise da narrativa será sempre referente ao conflito latente que o cartão propõe e à ressonância emocional que este provoca no sujeito.

As Problemáticas do T.A.T prendem-se com: a) *Identidade e Identificação* - a existência ou não de estabilidade da identidade; a diferenciação das personagens umas em relação às outras; as identificações que são ou não colocadas e nas referências sexuais que são ou não estabelecidas. b) *Relação de Objecto* - na representação de si e da relação; nos movimentos libidinais e agressivos; na possível ligação entre eles ou nos processos de desligamento predominantes; nas relações que traduzem um conflito de ambivalência ou uma tendência para a desintração pulsional. (Shentoub, 1999)

A escolha dos cartões é parte integral do desenho e do objectivo do nosso estudo, uma vez que seleccionamos aqueles cartões que exploravam; ou faziam evocar, as problemáticas do nosso estudo de forma mais específica. Esta estratégia, no nosso entender, permitia-nos não só economizar no tempo de aplicação, mas também obter resultados mais saturados do nosso objecto de estudo. Para o efeito, seleccionamos os cartões 2; 4; 6BM; 7BM e o 8BM, que são aqueles que nos parecerem mais susceptíveis de evocar representações da relação do sujeito com as suas imagos parentais.

Cartão 2

No que concerne ao conteúdo manifesto da prancha temos representada uma «cena campestre» com dois planos. No primeiro temos uma rapariga com uns livros, e no segundo um homem com um cavalo e uma mulher (possivelmente grávida) encostada a uma árvore. Não existe uma clara diferenciação de gerações sendo que a diferenciação sexual é evidente.

Em relação ao conteúdo latente da prancha, torna-se eminente a questão da triangulação (e conseqüentemente do Édipo), uma vez que se joga a relação da criança com o casal parental e a questão do interdito. (Shentoub, 1999). Desta forma parece-nos um cartão importante para percebermos de que forma o sujeito representa esta relação e como se representa face às imagos parentais, isto é, em termos identitários

Cartão 4

Manifestamente trata-se de um casal jovem, uma mulher junto de um homem que se afasta. Ao nível latente a prancha remete para o conflito pulsional numa relação heterossexual, sendo que cada uma das personagens pode ser portador de movimentos pulsionais – agressividade e/ou libido. É frequente depararmo-nos com uma instabilidade nas identificações, visível pela alternância de escolhas de posições masculinas e femininas. (Shentoub, 1999). Este cartão parece-nos importante para perceber como os sujeitos representam a sexualidade no quadro das relações edipianas.

Cartão 5

Temos no que respeita ao conteúdo manifesto podemos visualizar uma mulher de meia-idade, com a mão na maçaneta de uma porta, olha para o interior de uma sala. Esta mulher é representada entre o dentro e fora. No que respeita às solicitações latentes, a presença da mulher que abre a porta e olha para o interior da sala permite afirmar que as solicitações latentes deste cartão reenviam para uma imago materna que penetra e olha, não pré-julgando sobre o registo conflitual no qual o sujeito se vai situar, pois as modalidades de relação à imago materna são elas mesmas múltiplas (Shentoub, 1999), sendo por esse motivo que se torna um cartão essencial no nosso estudo.

Cartão 6BM

No que respeita ao material manifesto temos um casal, um homem visto de frente, com ar preocupado, e uma mulher idosa que olha para algures. Este cartão tem como particularidade o facto da diferença de sexos e gerações ser figurada de modo claro. No que concerne o material latente, sublinha-se a proximidade mãe-filho, num contexto de mal-estar. A diferença de gerações ao nível do conteúdo manifesto reenvia para o interdito da aproximação edipiana, acentuado ainda pelo facto de as duas personagens não estarem frente a frente, uma vez que a mulher está de costas voltadas para o homem. (Shentoub, 1999). Assim, este cartão é importante no sentido em que vai nos permitir observar que tipo de relação, e o carácter da imago materna, que será evocado neste contexto de disjunção.

Cartão 7BM

Ao nível do material manifesto podemos ver duas cabeças de homens, lado a lado. Um, “velho”, está virado para outro “jovem”, que está amuado. A diferença de gerações é marcada, mas não há neste cartão noção de imaturidade funcional de um dos parceiros. No que respeita às solicitações latentes deste cartão, estas reenviam à proximidade pai-filho num contexto de reticência do filho; os corpos estão excluídos. O conflito deverá desenvolver-se em torno de uma proximidade entre estas duas personagens, em termos de ternura e de oposição (ambivalência dos sentimentos na relação ao pai) (Shentoub, 1999). Assim, este cartão é essencial para observar o tipo de relação de objecto que aparece numa situação que invoca um conflito de autoridade; rivalidade.

Cartão 8BM

Do ponto de vista do material manifesto podemos observar, num primeiro plano, um rapaz adolescente, sozinho, com uma espingarda ao lado, de costas voltadas para a cena do segundo plano. Esta representa um homem estendido e dois outros inclinados para ele, em que um deles segura na mãe um objecto cortante. No que diz respeito ao conteúdo latente, a imagem reactiva representa representações susceptíveis de serem relacionadas com a angústia de castração e/ou agressividade para com a imago paterna (Shentoub, 1999). Assim, a imagem reactiva duas problemáticas principais: A da identidade – posição passiva ou activa, e ao nível da problemática edipiana solicita a representação de um conflito e os afectos ambivalentes que lhe estão associados.

O processo de resposta do T.A.T comporta um conjunto de mecanismos mentais comprometidos na situação única de imaginar uma história a partir de um cartão. Este processo divide-se em 4 fases:

- 1) o conteúdo manifesto é percebido pelo sujeito;
- 2) o conteúdo latente e a instrução dada ao sujeito provocam-lhe uma regressão, o que conduz a um abaixamento do controlo consciente, a percepção do conteúdo latente induz no sujeito representações inconscientes e afectos ligados a essas imagens;
- 3) este complexo de representações e afectos, desorganizados, irão ou não tornar-se conscientes para serem organizados através da palavra e do processo secundário, o que vai

depender das capacidades de contenção do eu (se o eu for frágil, o medo de ser submergido pelos conteúdos inconscientes conduz à mobilização de mecanismos de defesa);

4) a história que o sujeito contar será o resultado do compromisso existente entre a pressão desses conteúdos inconscientes e os mecanismos de defesa mobilizados.

O método de análise dos protocolos T.A.T's assentará essencialmente, no estudo dos procedimentos do discurso utilizados pelos pré-adolescentes na elaboração das suas narrativas e das articulações com as problemáticas que elas abordarão.

O método de análise comporta dois tempos. Num primeiro tempo procede-se à análise cartão a cartão que compreende a codificação dos procedimentos, e as referências às problemáticas abordadas pelo sujeito face aos cartões. Estes dois movimentos têm como objectivo apreender o trabalho psíquico, do qual são testemunhos os procedimentos de elaboração do discurso face às solicitações do material e da situação T.A.T. Num segundo momento, procedemos a uma síntese das informações obtidas que passará por um reagrupamento na folha de análise dos diferentes procedimentos utilizados, o que permitirá apreciar a qualidade do processo associativo, tendo em conta as relações entre representações, afectos, e mecanismos de defesa; e o que implicará também o destaque das modalidades de funcionamento psíquico em jogo na experiência T.A.T. e propor hipóteses referentes à organização psíquica de toda a amostra

Procedimento

Através de uma carta é requerida à instituição X a autorização para a realização do trabalho. Após ser concedida a autorização, procurarei junto dos membros da respectiva instituição a sua colaboração no meu estudo. Apresentarei o objectivo do meu trabalho, e clarificarei qualquer dúvida que possa existir.

Uma vez os participantes deste estudo são menores de idade, será pedido o consentimento (através da carta de consentimento – Anexo 1) a todos os encarregados de educação. Mais uma vez serão clarificadas todas e quaisquer dúvidas dos encarregados de educação e da amostra.

De forma a poder preencher os requisitos de aplicação do instrumento, em termos de *setting*, é nos facultada uma sala – semelhante a uma sala de aula, onde recebemos os participantes, individualmente. Após o primeiro momento de aplicação do instrumento, fica combinado com os responsáveis da instituição e com os participantes, a sua colaboração num

estudo posterior, a data de uma nova visita foi agendada para dali a um ano, não tendo sido, no entanto, referido aos alunos qual o propósito da entrevista posterior.

A instrução da prova é dada no início e não é repetida, sendo que face a um sujeito muito inibido se possam colocar algumas questões, devendo-se dizer então: “Imagina uma história a partir de cada uma das imagens que te vou mostrar”.

Durante a aplicação será fundamental ter em conta os tempos: a) tempo de latência – tempo que decorre desde o momento de apresentação do cartão até ao momento em que o sujeito começa a falar; b) tempo total por cartão: tempo que decorre entre a apresentação do cartão até ao fim do relato contado pelo sujeito.

A anotação do relato será integral, respeitando todas as suas características (abreviações, reconstruções e interpretações). Uma vez que o trabalho sobre o T.A.T. se vai efectuar a partir da análise formal do relato é essencial transcrever o discurso o mais fielmente possível.

RESULTADOS

De forma a apresentar os resultados de um modo estruturante decidimos, em primeiro lugar, abordar os resultados (as respostas aos cartões) dos sujeitos de um modo quantitativo, isto é, iremos numa primeira fase apresentar, quantificar e caracterizar os mecanismos defensivos que os sujeitos utilizaram mais frequentemente. Num segundo momento, iremos abordar os enunciados dos sujeitos de um modo qualitativo, isto é ao nível da elaboração do conteúdo latente de cada cartão, focando, sobretudo, a representação das imagens parentais.

Assim, a primeira tabela que vamos apresentar provém-nos do total de procedimentos, por série, que cada um dos sujeitos utilizou na construção dos seus enunciados, no primeiro e segundo momentos de aplicação.

Análise Quantitativa

Tabela 1 – contagem dos procedimentos por sujeito

	Série A1	SérieA2	Série B1	Série B2	Série C/Fo	Série C/N	Série C/M	Série C/C	Série C/Fa	Série E
1.º momento										
Sujeito 1	2	10	3	2	7	3	1	1	3	5
Sujeito 2	1	11	0	2	11	1	2	0	3	4
Sujeito 3	0	4	6	21	1	5	7	0	0	3
Sujeito 4	1	23	3	8	7	0	2	3	1	9
Sujeito 5	3	2	10	17	6	2	6	1	1	1
Total	7	50	22	50	32	11	18	5	8	22
2.º momento										
Sujeito 1	2	8	3	3	11	1	1	0	2	2
Sujeito 2	1	10	0	2	9	2	1	0	5	1
Sujeito 3	0	4	9	18	5	4	7	1	0	7
Sujeito 4	0	38	1	2	12	3	2	2	7	18
Sujeito 5	2	9	6	20	7	4	3	0	3	3
Total	5	69	19	45	44	14	14	3	17	31

Partindo de uma observação do geral para particular, podemos observar que, em ambos os momentos de aplicação os procedimentos aos quais os sujeitos recorreram com mais frequência foram os pertencentes às séries: A2; B2; C/FO e E. No que respeita a este agrupamento de séries, constatamos também que, do primeiro momento de aplicação para o segundo houve um aumento considerável no emprego dos procedimentos das respectivas séries, exceptuando os da série B2 que foram usados em menor número. Além destas mudanças dentro das séries mais utilizadas, constatamos também uma outra importante, o

aumento considerável no emprego dos procedimentos da série C/Fa, isto do primeiro para o segundo momento de aplicação.

Podemos também observar que, do primeiro para o segundo momento de aplicação, houve, entre os sujeitos, uma constância ao nível do emprego do tipo de procedimento defensivo. Isto é, os tipos de procedimento que cada sujeito mais privilegiou no primeiro momento de aplicação, foram também aqueles mais usados nos discursos dos sujeitos aquando o segundo momento de aplicação. A nível individual, observamos, também, uma importante tendência no que diz respeito à combinação de mecanismos das diversas séries. Com efeito, verificamos que os sujeitos que utilizam com mais frequência os mecanismos da Série A (Séries A1 e A2) utilizam também com mais frequência os procedimentos da Série C/Fo e da Série E. Da mesma forma, os sujeitos que utilizam com mais frequência os procedimentos da Série B (Séries B1 e B2), recorrem com mais frequência a mecanismos da Série C/M e C/N.

Na segunda tabela propomo-nos a apresentar o número total de procedimentos, por respectiva série, em cada um dos cartões apresentados aos sujeitos. A pertinência de abordarmos a distribuição dos procedimentos desta forma, é a de nos permitir fazer, à posteriori, uma articulação entre os procedimentos mais utilizados em cada cartão e o conteúdo latente para qual cada um deles remete.

Tabela 2 – contagem dos procedimentos dos sujeitos por cartão

	Série A1	SérieA2	Série B1	Série B2	Série C/Fo	Série C/N	Série C/M	Série C/C	Série C/Fa	Série E
1.º momento										
Cartão 2	0	6	2	9	8	1	1	0	1	3
Cartão 4	1	6	4	13	3	4	3	2	1	0
Cartão 5	1	11	5	8	5	1	3	1	1	3
Cartão 6BM	2	14	5	9	1	4	5	1	2	1
Cartão 7BM	1	3	4	7	8	0	4	0	3	0
Cartão 8BM	2	10	2	4	7	1	2	1	0	15
Total	7	50	22	50	32	11	18	5	8	22
2.º momento										
Cartão 2	0	9	3	4	6	1	1	1	5	3
Cartão 4	0	9	2	11	8	4	3	1	2	5
Cartão 5	1	7	4	6	8	3	5	0	4	5
Cartão 6BM	1	18	6	7	7	4	3	0	2	3
Cartão 7BM	2	13	3	11	9	1	1	1	3	3
Cartão 8BM	1	13	1	6	6	1	1	0	1	12
Total	5	69	19	45	44	14	14	3	17	31

No que concerne ao Cartão 2 notamos que, no primeiro momento de aplicação, os procedimentos mais usados foram os da Série B2 e C/Fo, enquanto que no segundo momento os mais usados foram os da Série A2. Em relação ao Cartão 4 notamos que os procedimentos da Série B2 foram os mais usados, tanto no primeiro como no segundo momentos. No que respeita ao Cartão 5 os procedimentos mais usados pelos sujeitos, no primeiro momento foram os pertencentes á Série A2, já no segundo momento, verificamos também uma ascendência dos procedimentos da Série A2 e da Série C/Fo. Em relação ao Cartão 6BM, em ambos os momentos de aplicação, os procedimentos mais empregues foram os da Série A2. No Cartão 7BM, podemos verificar que os procedimentos mais usados pelos sujeitos no primeiro momento de aplicação foram os da Série B2 e da Série C/Fo., enquanto no segundo momento os mais usados foram os da Série A2. Por último, face ao Cartão 8BM, constatamos que em ambos os momentos os procedimentos mais presentes no discurso dos sujeitos foram os da Série E. Em relação a estes dados de carácter quantitativo – repare-se que a designação “quantitativo” e “qualitativo” são, neste caso, meramente funcionais, constatamos alguma diversidade na forma como cada um dos sujeitos dispôs dos vários procedimentos nos seus discursos. Contudo, os sujeitos mantiveram de um momento para o outro o mesmo “padrão” no uso de procedimentos, ainda que alguns procedimentos, como os da Série C/Fo e C/Fa tivessem, na generalidade dos sujeitos aumentado. A continuidade deste padrão de respostas permite-nos inferir que não ocorreu uma mudança radical a este nível, de um momento de aplicação para o seguinte, em termos do funcionamento mental de cada indivíduo. De seguida iremos ver como se articulam estes dados com a análise qualitativa das respostas aos cartões.

Análise Qualitativa

Nesta fase de apresentação dos resultados iremos analisar os enunciados dos sujeitos focando o conteúdo latente e a representação das imagens parentais. Para o efeito, vamos dividir esta parte da análise em duas secções: as respostas aos cartões que remetem para a imagem materna; as que remetem para a imagem paterna. Em cada uma das secções iremos apresentar as narrativas de cada um dos sujeitos, para ambos os momentos de aplicação, provindo-as da respectiva interpretação.

Embora também tivéssemos analisado os cartões dois e quatro, optámos por não fazer neste capítulo uma análise exaustiva cartão a cartão, uma vez que não os consideramos tão importantes quanto os outros na nossa investigação. Todavia, no final desta análise vamos

apresentar uma síntese das interpretações realizadas a esses cartões e, além disso, estas também podem ser consultadas, na íntegra, nos anexos.

Imago Materna (Cartões 5 e 6BM)

Sujeito 1 – Primeiro momento de aplicação:

Cartão 5:

“É uma casa onde a mãe vai ao quarto da filha para ver se está a dormir ou se o quarto está arrumado. Fica espantada porque o quarto está limpo e arrumado e ela está a dormir. Nunca foi capaz que a filha tivesse tantas capacidades.”

Interpretação: O sujeito representa a imago que vem controlar, tendo esta imago um certo cariz persecutório, a fuga ao conflito com essa mãe/imago é feita através da evocação de uma filha. Repare-se como está presente uma censura à mãe, havendo uma recusa na influência desta sobre a filha. A agressividade na relação com esta imago, é posta na crítica que o sujeito faz ao objecto: “ nunca foi capaz de reconhecer que a filha tivesse tantas capacidades”. Vemos, portanto, representado neste discurso a mãe pré-edipiana; a mãe fálica, a quem o sujeito tenta tirar o poder.

Cartão 6BM:

“É um homem e uma mulher, ela está a olhar para a janela. Pela cara dele está triste ...devem ter recebido uma notícia má, uma morte...mais nada”

Interpretação: Na descrição que o sujeito faz das personagens estas são remetidas ao anonimato, contudo não existe diferença de gerações (“um homem e uma mulher”), embora estas sejam bem acentuadas ao nível do conteúdo manifesto. Assim, uma vez que não se estrutura um interdito através das diferença de gerações (fantasma de realização incestuosa) sobrevém o fantasma parricida que se vem inscrever na proximidade perigosa entre mãe e filho.

Sujeito 1 – Segundo momento de aplicação:

Cartão 5

“Uma senhora que está a espreitar. Pode ser a sua filha ...se está a estudar ou não.”

Interpretação: O sujeito evoca a representação de uma imago materna controladora, que, ao mesmo tempo condensa o impulso voyerista e o interdito Super Égoico.

Cartão 6BM

“São duas pessoas que estão tristes por ter morrido alguém na sua família. Não sei mais.”

Interpretação: O sujeito remete as personagens ao anonimato: “ são duas pessoas” como forma de manter à distância uma possível representação incestuosa. Repare-se como o movimento do sujeito tende a dessexualizar as personagens. (não são homem e mulher, são duas pessoas). Contudo, é o tema de luto e a tristeza que vai ligar as duas personagens – estabelecendo um vínculo entre estas, remetendo para um fantasma parricida que se vem inscrever na proximidade mãe-filho: “ morreu alguém da sua família”.

Síntese: No que concerne ao primeiro momento de aplicação notamos que a representação deste imago é sobretudo pré-genital. É uma imago persecutória, donde a proximidade do sujeito a esta parece perigosa. Com efeito, podemos observar no cartão 6BM como o sujeito evita a proximidade com esta, pois eminência de fantasmas parricidas parece impor-se na relação de proximidade. Neste sentido apenas podemos deduzir que a estruturação edipiana não é operante neste caso, mostrando-se até bastante débil.

No segundo momento esta imago é aliviada de algum peso pré-genital, não aparece de uma forma persecutória, embora seja representada na sua vertente super-egoica. Reparámos, contudo, que a relação de proximidade com a imago materna continua a evocar fantasmas parricidas, os quais o sujeito não consegue convenientemente elaborar. Não obstante, no segundo momento de aplicação o sujeito é mais restritivo pelo que não podemos dizer que tenham ocorrido grandes mudanças de um momento de aplicação para o outro.

Sujeito 2 – Primeiro momento de aplicação:

Cartão 5

“Uma casa...uma senhora está a espreitar pela porta...parece um bocado intrigada, mais nada.”

Interpretação: O impulso voyerista é projectado na imago materna, como também é projectado nesta o sentimento de estranheza perante uma cena que deixa o sujeito perplexo – a

sexualidade, pelo que remete para a cena primitiva. Ficamos com a ideia que está representado uma certa curiosidade por parte do sujeito em relação ao objecto.

Cartão 6BM

“Um senhor e uma senhora, estão ao pé de uma janela, a senhora parece uma empregada, o senhor um patrão, e que parece que o senhor está agarrado a qualquer coisa...uma cadeira.”

Interpretação: Como forma de estabelecer um vínculo que legitime a proximidade entre as duas personagens, num registo que permita a evasão ao conflito edipiano, o sujeito recorre a uma referência do senso comum, que é ao mesmo tempo uma idealização negativa da mulher e uma idealização positiva do homem. O discurso, contudo, permanece vago e o desenlace da história testemunha uma deformação importante do real, o sujeito fica aparentemente desorganizado. Uma vez que este cartão faz evocar a representação de perda de objecto, provavelmente, a expressão “ agarrado” acusa a fragilidade do sujeito, isto é, a relutância do sujeito em abrir mão do objecto, apesar do poder com que este investe a personagem masculina.

Sujeito 2 – Segundo momento de aplicação:

Cartão 5

“É uma senhora que está a espreitar por uma porta, para o que parece ser uma sala. ”

Interpretação: O conteúdo latente é evocado de forma bastante ténue. Embora se trata de um discurso bastante restrito, a representação “ senhora que está espreitar” remete para uma problemática edipiana – a pulsão voyerista. O apego ao concreto não permite a elaboração do conflito psíquico.

Cartão 6BM

“Um senhor, uma senhora já idosa. A senhora está ao pé da janela, a olhar para essa janela. O senhor está com um chapéu e a olhar para baixo.”

Interpretação: O discurso do sujeito dominado por um apego ao concreto – ao conteúdo manifesto. As personagens são apenas descritas no que respeita à sua postura, sem ser evocada qualquer enredo ou relação entre elas, isto é reforçado pela referência que o sujeito faz: o facto de cada uma das personagens olhar para um lado diferente. Trata-se, portanto, de um movimento defensivo que visa o isolamento. O conflito presente neste cartão não é passível de ser elaborado por parte do sujeito.

Síntese: No que concerne o primeiro momento, embora o sujeito seja bastante restritivo, a representação desta imago parece pertencer a um registo duplo que, contudo, se articula. Por um lado esta imago materializa, na vertente S.E., a culpabilidade ligada à curiosidade sexual, por outro lado, aparece como desvalorizada, perante um Eu idealizado. Estes dois registos, pertencentes a uma mesma problemática, matizam o controlo (sentido como castração) que este imago representa nesta fase da adolescência, pelo que a idealização do Eu (do masculino) e desvalorização do objecto (feminino) é um dos percursos na afirmação face a este imago.

No segundo momento de aplicação os mecanismos de controlo e os de evitamento do conflito são mais implacáveis pelo que a o conteúdo latente do cartão não é abordado, o que significa que o sujeito não se permite a ser invadido pela fantasia. Neste sentido, não podemos tecer grandes considerações acerca de possíveis mudanças ao nível das relações com esta imago. O mais razoável será referir que, provavelmente, os mecanismos de defesa, ou a forma habitual de funcionamento mental, não são neste momento as mais viáveis; adaptadas, para elaborar e metabolizar, a um nível mínimo, os afectos, pulsões e representações postas em jogo pela fantasia.

Sujeito 3 – Primeiro momento de aplicação:

Cartão 5

“Era uma dona de casa que não trabalhava, só arranjava tudo, as coisas todas em casa, mantia a casa muito limpa, mas o marido dela não ajudava a trazer dinheiro para casa, ele gastava sempre tudo casino. O trabalho dele podia não ser muito bom mas também não ganhava mal. Então ela foi conversar com o marido, e disse se ele não comesse a trazer dinheiro para casa que o abandonava, mas só que ele não prestava muito atenção a ela porque ele nessa altura estava bêbedo, mas no dia seguinte ela voltou a falar com ele e lá as coisas se organizaram, pronto é isso”

Interpretação: A imago materna arcaica é evocada em todo o seu esplendor, aparece controladora e poderosa, em oposto à imago paterna –masculina, que é depois evocada, sendo esta desvalorizada e representada numa posição passiva face à imago materna

Cartão 6BM

“Era um homem que vivia com a mãe, ele não tinha mulher, ele não devia ter porque trabalhava numa agência secreta e não contava à mãe. A mãe dele pensava que ele trabalhava nas obras, pode ser isso. Um dia, ele estava farto de guardar o seu segredo, teve de contar a alguém, a única hipótese era contar à sua mãe, mas ele não podia senão era despedido, mas

ele sabia que a mãe gostava muito dele e consegui guardar o segredo e lá foi, ele contou à mãe.”

Interpretação: Neste discurso surge de forma intensa a temática da separação, o sujeito fornece a representação de uma relação dual com a imago materna, da qual ao mesmo tempo tenta fugir, através da evocação dos segredos, da agência, que significam a sua individualidade, no entanto a atracção acaba por ser mais forte e angustia de separação não é superada.

Sujeito 3 – Segundo momento de aplicação:

Cartão 5

“Havia uma senhora, que tinha uma casa muito pequena e lá tinham uma filha muito doente, ela fazia de tudo para conseguir pagar para que a curassem, mas não conseguia porque era muito velha, e era muito difícil arranjar emprego. Entretanto, ela arranjou um amigo médico que conseguiu ver o problema da criança e conseguiu curá-la, e então já pode ajudar a mãe nas tarefas de casa e ir para a escola.”

Interpretação: Neste trecho pode-se observar como a imago materna aparece diminuída, privada de suas capacidades enquanto continente. Aqui também é evocado uma imago paterna/masculina, mas desta vez na figura de um homem que é um salvador, idealizado. Do ponto de vista do movimento intra psíquico pode-se dizer que o sujeito projecta-se em duas partes, uma dela na menina doente, que é uma figura da fragilidade feminina – símbolo também da união fusional e identificação à fragilidade da imago/continente materna, e outra na do médico; salvador, simbolizando o poder (ideal) masculino e socialmente valorizado. Deste movimento pode-se dizer que, ao mesmo tempo que ocorre a transformação em homem na qual o sujeito persegue um ideal, afasta-se de uma identificação sexual de género que é fraca, uma vez que corre o risco de, desse modo, continuar ligado à mãe.

Cartão 6BM

“Havia uma senhora muito idosa que tinha um neto muito rico e ela andava muito triste com ele, porque dele ser rico já não lhe dava atenção a ela. Até que foi falar com ele muito chateada... +++ Ele pensou muito e, até que decidiu pedir desculpas a ela e prometeu que a iria visitar muitas mais vezes. E ela, como é avó, aceitou imediatamente as desculpas.”

Interpretação: Neste excerto podemos observar como sujeito engendra outro tipo de estratégia defensiva para lidar com a angústia de separação face à imago materna. Por intermédio da identificação projectiva, este projecta no objecto a parte de si mais penosa, ligada à tristeza

(depressão) e à angústia de separação. Aparece depois a culpa, que é algo que não figura no momento anterior. O sujeito aparece mais individualizado no segundo momento, por intermédio da Id. projectiva consegue resistir à tentação da atracção para a relação dual. É como se estes mecanismos defensivos de carácter mais regressivo (clivagem e id. projectiva) desempenhassem uma função adaptativa

Síntese: No primeiro momento a imago materna surge como poderosa, controladora, investida de forma super-egoica, sendo esta uma imago pré-edipiana com a qual o sujeito mantém uma relação passiva. Observamos também um movimento de fuga e atracção para uma relação dual que não é passível de ser contornada.

No segundo momento a imago materna aparece desvalorizada, privada de suas capacidades, enquanto o sujeito aparece com um Eu idealizado e poderoso, observámos também como relação dual / anaclítica é superada por intermédio de outras estratégias defensivas. Neste caso constatamos que se trata de um desenvolvimento no sentido “progreidente”, donde a menor influência da imago pré-edípica parece dotar o sujeito de uma maior autonomia.

Sujeito 4 – Primeiro momento de aplicação:

Cartão 5

“Aqui vemos uma mulher, que poderá ser casada, e está a abrir a porta para o quarto do filho ou da filha, e parece estar a dar uma ordem, ou então, parece também que parece não estar a gostar do que está a ver, que a assus... não, não tem cara disso (murmura qualquer coisa entre dentes). “

Interpretação: Podemos verificar como a personagem feminina é apreendida como uma figura/instância superégoica, que dá uma ordem. A segunda interpretação do sujeito é francamente projectiva, sendo a imago vivenciada como persecutória – como se não existisse um espaço interno onde o conflito se pudesse desenvolver (recordamos que este cartão reactiva fantasmas da cena primitiva, culpabilidade em relação à masturbação) – “não está a gostar do que está a ver... que a assus...”. Assim, a personagem parece surpreender uma cena transgressiva. A incapacidade do sujeito em articular as pulsões sugere a eminência de uma representação crua que, embora seja denegada, demonstra a fragilidade da barreira psíquica interior – exterior.

Cartão 6BM

“Aqui parece uma senhora que poderá ser mulher deste senhor, mulher não! Mãe, deste rapaz que aqui está (aponta), estão a ter uma conversa. O rapaz está sério, parece triste. A senhora parece estar distante do sítio onde está, parece estar pensativa e também um pouco triste. (fica tenso)”

Interpretação: Observamos como a proximidade das duas personagens desorganiza o sujeito num primeiro momento, sinal disso é a derrapagem defensiva visível na realização de uma relação incestuosa que depois o sujeito denega. O desenrolar da história é caracterizado pelo isolamento; evitamento da relação entre as duas personagens. O afecto relacionado com a perda de objecto – fantasma parricida, é evocado como sendo algo comum aos dois personagens mas que carece de elaboração.

Sujeito 4 – Segundo momento de aplicação:

Cartão 5

“Nesta imagem vejo o interior de uma casa, vejo uma mesa com flores e um candeeiro, atrás vejo um móvel com um objecto por cima mas não consigo perceber o que é. Em cima vejo prateleiras com livros. Ao lado do móvel vejo uma porta que está aberta, está uma mulher a abri-la, parece que esta a espreitar para alguma coisa...E parece estar com um ar chateado pela expressão facial, aparentemente esta com um ar chateado. +++ A mulher vem de um sítio escuro para uma casa, por sinal, está com luz. Talvez a mulher possa ser a representação do mal que, se calhar, interferir no bem. Daqui acho que está tudo.”

Interpretação: O sujeito tenta apegar-se ao conteúdo manifesto num primeiro momento. Ao introduzir uma personagem esboça-se um conflito no qual é evocada a representação da imago S.E. Ao sugerir outra hipótese de interpretação o fantasma surge de forma mais intensa, a imago materna é, então, percebida como um mau objecto, e ao ser projectada no exterior torna-se um objecto persecutório (maléfico) que, como o sujeito refere; “vem interferir no bem” – na sua estrutura psíquica, originando uma notória desorganização.

Cartão 6BM

“Aqui aparece um rapaz com ar de ser novo, ao lado de uma senhora assim, aparentemente, mais velha, se calhar uma idade ...A senhora, a mulher, esta com um olhar distante, longe. O jovem está com um olhar triste, a imagem em si dá a ideia, pela expressão das personagens, de ter acontecido alguma coisa má. As personagens estão com um ar triste. O rapaz está com roupas escuras. O sítio onde ele está, está com cortinados escuros. Talvez possa representar a

morte, talvez tenha morrido alguém. A senhora parece que está a segurar nalguma coisa, talvez num pano branco. Também vê-se uma janela, tem um parapeito, parece que a senhora está apoiada, assim, encostada no parapeito. Acho que aqui está tudo.”

Interpretação: no segundo tempo a diferença de gerações é tida com maior acuidade, embora o sujeito se quede muito tempo em descrições que visam manter o conflito a uma distância segura. Uma vez mais surge o afecto depressivo e a representação de perda de objecto que se vem inscrever na relação entre as duas personagens. O fantasma parricida é mais claramente evocado, embora o recurso á abstracção/intelectualização sirva o objectivo de pôr o conflito, desejo e culpa, à distância. A expressão dos afectos é mínima.

Síntese: no primeiro momento a imago surge como controladora, num registo pré-edipiano. A proximidade com esta não é passível de ser elaborada devido aos fantasmas destrutivos que engendra. No segundo momento a imago materna surge num registo pré-edipiano malevolente, a relação de objecto é francamente persecutória. À imagem do primeiro momento, são visíveis as diversas clivagens levadas a cabo pelo sujeito em cartões que remetem para a relação com esta imago. Este facto leva-nos a inferir que o nível de representação desta imago em ambos os tempos é pré-edípica, além disso, pensamos também que as clivagens que o sujeito faz têm um intuito de manter afastadas a representação da imago pré-edípica malevolente da imago pré-edípica benevolente (bom e mau objecto, respectivamente). Assim, a contínua incapacidade de síntese do objecto traduz-se, no segundo momento, em representações mais cruas que testemunham a fragilização/falha das defesas que sujeito erige para defender-se da emergência do fantasma.

Sujeito 5 – Primeiro momento de aplicação:

Cartão 5

“Uma senhora casada estava a trabalhar, quando chegou a casa e olhou para a sua sala estava o seu marido a traí-la, a senhora ficou com raiva e expulsou os dois de casa e ficou sozinha para o resto da vida.”

Interpretação: no primeiro tempo constata-se, através da construção do sujeito, uma forte invasão pelos fantasmas da cena primária, desencadeados pelo material latente. Assim, através da elaboração do sujeito, constata-se que este faz um ataque à relação, ao vínculo, representado pelo casal parental na cena primária. Este recorre à identificação projectiva com a imago materna, usando-a como móbil para desencadear a sua raiva narcísica, projectando nela, depois, a sua solidão. Deste modo, desenlace da história condensa não só o reforço ao

interdito (o sujeito não pertence aquela relação, logo tem de ficar sozinho para sempre) como a agressividade face à imago materna, pois esta, como o sujeito, fica só para sempre. Da interpretação da narrativa do sujeito inferimos que estamos perante uma fraca interiorização do S.E., estamos, portanto, a um nível de relação arcaico; pré-edipiano com esta imago.

Cartão 6BM

“Um homem rico, como pensava que a sua fortuna era pouca, resolveu...resolveu pedir à mãe ajuda ...mas a mãe disse-lhe que a sua fortuna era ter o seu filho ao pé dela e não quanto dinheiro tinha. O filho desistiu dessa ideia e ficaram os dois felizes com a fortuna que cada um tinha.”

Interpretação: no primeiro tempo o conflito desenrola-se em torno da questão do interdito à proximidade, pelo que a história construída pelo sujeito é reveladora de uma dificuldade; renitência deste em separar-se; autonomizar-se, face à imago materna, isto é, perdê-la enquanto objecto de apoio. Esta angústia de perda, que vem inscrever-se na demanda de renunciar aos objectos edipianos, parece resvalar, tendo mais impacto na perda dos objectos pré-edipianos. O desenlace da narrativa sugere um movimento regressivo para uma relação dual com esta imago. Neste sentido, a imago materna aparece nesta narrativa como uma imago pré-edipiana na sua faceta benevolente (“o bom objecto”).

Sujeito 5 – Segundo momento de aplicação:

Cartão 5

“Era uma vez uma senhora de idade que vivia tranquilamente na sua casa. Um dia reparou que as coisas estavam em diferentes posições das habituais, sabendo que não foi ela que as mudou de lugar. No dia seguinte reparou que faltava um livro, e pensou que a tinham assaltado. Senhora chamou a polícia para vigiarem a casa de noite. Nessa mesma noite o ladrão foi apanhado a subir a casa da senhora. Ele foi preso pela polícia e senhora voltou a viver descansada”.

Interpretação: neste momento de aplicação constatamos uma construção totalmente diferente do momento anterior, o fantasma da cena primitiva e da sedução edipiana não origina tanta desorganização. Ainda que se situe no exterior o sujeito é capaz de evocar uma instância S.E., que evita o ataque (libidinal e agressivo) ao objecto materno. Nota-se também uma maior secundarização e um maior impacto de mecanismos como o recalçamento. Podemos referir que há uma grande progressão ao nível desta problemática.

Cartão 6BM

“Era uma vez um senhor ...que queria sair do país, a mãe, como se sentia muito sozinha não o deixou partir. Ele ficou desesperado e pôs-se a pensar muito...+++e descobriu que um cão podia fazer-lhe companhia, para poder sair do país. Ofereceu o cão à mãe e ela ficou muito grata e diz que lhe faz muita companhia. Esse senhor pode sair do país sem que a mãe se sentisse sozinha.”

Interpretação: no segundo tempo o conflito desenrola-se, também, em torno da dificuldade em renunciar ao objecto materno. Contudo, nesta narrativa constatamos que existe uma disjunção entre sujeito e objecto, estes têm vontades diferentes. Assim, a imago materna aparece enquanto aprisionadora, enquanto o sujeito tem o desejo de se separar, autonomizar-se. Contudo, a relação representada com este objecto continua a ser anaclítica, esta referência ganha mais sentido se considerarmos que o objecto (cão) que é oferecido à mãe serve o propósito de substituir esse objecto anaclítico. Embora possamos depreender através deste facto que está representada uma certa instabilidade objectal, notamos que o objecto que este oferece à mãe não é um objecto qualquer. O cão que oferece à mãe é algo que seria bom para o sujeito não se sentir só. É quase um objecto quase de cariz transitivo pois permite fazer a ponte entre o afecto e a relação com os pais. Como é óbvio, os mecanismos aqui presentes são da ordem da clivagem e identificação projectiva – o sujeito projecta a sua relutância em separar-se do objecto na imago materna, ainda assim podemos observar como estes possuem um carácter adaptativo.

Síntese: no primeiro momento podemos observar como a intensidade dos fantasmas da cena primitiva pesam na relação do sujeito com esta imago, sendo o casal parental “atacado”. Concomitantemente, verificamos que existe uma grande dificuldade em se separar da imago pré-edípica. Estas evidências parecem encaixar, de certo modo, na angústia de separação que o sujeito representa, isto é, a exclusão do sujeito da cena primitiva – a presença de um terceiro elemento, ameaça a relação dual com a mãe, e subsequente perda desta imago enquanto objecto pré-edípico. No segundo tempo constatamos como a relação com esta imago aparece num registo mais secundarizado. Ainda que haja um ensaio de ataque (libidinal e agressivo) à imago/continente materno, o sujeito é capaz de evitar o ataque através da evocação de uma instância S.E. que, embora seja projectada no exterior, realiza o interdito. Verificamos também que existe, por parte do sujeito, uma maior assumpção que o sujeito deve “deixar esta

imago”, desistir enquanto objecto de sua predilecção. Assim, as estratégias que este põe em marcha demonstram a maior capacidade do sujeito negociar esta situação.

Tendo sido finalizada apresentação dos resultados para a imago materna, iremos agora apresentar os resultados para a imago paterna.

Imago Paterna (Cartões 7BM e 8BM)

Sujeito 1 – Primeiro momento de aplicação:

Cartão 7BM

”São dois homens a falar um com o outro... +++não sei.”

Interpretação: o sujeito apega-se ao conteúdo manifesto pelo que, embora o sujeito sugira uma relação entre os dois personagens, constatamos uma incapacidade de elaborar mentalmente conflito.

Cartão 8BM

“É um aluno que está a pensar...três homens a dar uma facada na barriga dum...mais nada...mais nada. Não consigo dizer mais nada. Uma cena violenta que...o, o homem que está a ser esfaqueado deve ter feito alguma coisa que eles não gostaram e que levou eles a fazerem esse acto violento.”

Interpretação: neste excerto podemos observar a representação de uma cena violenta e crua, entrecortada por tentativas de recusa do cartão. O sujeito começa por tentar distanciar-se temporal e espacialmente da representação. A cena descrita é crua e é centrada em redor do homem que foi esfaqueado, parecendo haver uma identificação com este. O motivo, explica-nos o sujeito, parece estar relacionado com uma retaliação. Neste sentido, o discurso parece-nos condensar não só um fantasma parricida maciço – numa construção que dispensa a reparação, e uma forte angústia de castração. Neste sentido, os 3 homens que esfaqueiam o outro representam a agressividade do próprio. Este livra-se da culpa atribuindo-a à vítima.

Sujeito 1 – Segundo momento de aplicação:

Cartão 7BM

“É um senhor que está a contar um segredo ao outro, sobre negócios, mais nada...”

Interpretação: o sujeito remete os personagens ao anonimato, surge, contudo, uma representação de proximidade entre as duas personagens, estas contam um segredo. Esta representação de uma relação erótica, é, contudo anulada através da referência que o sujeito faz: “ ...sobre negócios”. O que permite a evasão para a representação de uma relação menos pessoal e por isso mais inócua do ponto de vista conflitual. Não obstante, no cômputo geral o discurso é dominado pela restrição.

Cartão 8BM

“É um jovem, está a pensar no que viu...no que fizeram ao homem...não sei...”

Interpretação: o discurso do sujeito é bastante restritiva, afastando-se temporal e espacialmente da representação, realizando também diversos escotomas dos objectos manifestos. Contudo, sobrevém a representação de uma cena agressiva, de um fantasma parricida, ainda que este não seja alvo de elaboração mental.

Síntese: No primeiro tempo na relação com esta imago observa-se alguma relutância na expressão conflitual. Não obstante, constatamos que não há ligação pulsional possível quando é solicitado a expressão de um conflito de ambivalência. O manuseamento da agressividade não é possível, as representações e os afectos parecem provir de um nível pré-genital de funcionamento. No segundo momento embora continuemos a verificar alguma relutância em aprofundar a expressão conflitual na relação com esta imago. Verificamos, contudo, ainda que discretamente a emergência da representação de uma relação erótica; libidinal com esta imago, o que poderá sugerir um desejo de proximidade. Não obstante, a agressividade face a esta imago continua à margem da elaboração. O facto de não surgir neste momento uma cena de agressividade crua deve-se, provavelmente, a um maior esforço defensivo que resulta num empobrecimento fantasmático. Neste sentido, não podemos afirmar que tenham ocorrido mudanças ao nível das relações com esta imago, exceptuando a referência a uma relação erótica com a imago paterna que o sujeito faz no segundo momento de aplicação. Contudo, esta é uma evidência que o sujeito continua a inscrever-se num registo de relações pré-edipianas em relação a esta imago.

Sujeito 2 – Primeiro momento de aplicação:

Cartão 7BM

“É um senhor já de alguma idade, um senhor que parece mais novo ...mais nada.”

Interpretação: o sujeito cinge-se ao conteúdo manifesto, não abordando a relação dos personagens. Estes aparecem apenas diferenciados no que respeita à geração, contudo são alvo de isolamento. A inibição e a restrição são grandes.

Cartão 8BM

“Um rapaz...onde está, ao pé de um sítio onde alguém está a ser operado, parece ser alguém parente do rapaz, e há dois doutores .”

Interpretação: a primeira abordagem à imagem testemunha uma certa desorganização espaço-temporal, As personagens são mantidas em anonimato e um grande pormenor é alvo de escotomia. A posição privilegiada é a passiva, e a cena da operação parece condensar ao mesmo tempo os desejos parricidas e o respectivo fantasma de castração, o que está conformidade com a referência que o sujeito faz: “alguém parente do rapaz”. A referência á reparação: “ e há dois doutores”, faz portanto, entrever uma culpabilidade ligada a esta temática. A escotomia da espingarda e o isolamento da personagem do primeiro plano põe em relevo à incapacidade do sujeito em abordar a agressividade do “ponto de vista” de uma posição activa.

Sujeito 2 – Segundo momento de aplicação:

Cartão 7BM

“São dois senhores, um senhor idoso e outro senhor ...parecem estar a falar.”

Interpretação: o sujeito descreve apenas o conteúdo manifesto. Embora haja, depois, a evocação de uma relação entre os dois personagens, não se observa qualquer elaboração psíquica posterior. Domina, novamente, a restrição.

Cartão 8BM

“É um miúdo, parece estar a lembrar de uma operação, e parece estar numa rua ”

Interpretação: o sujeito faz referência à personagem do primeiro plano, realizando um afastamento têmporo-espacial que permite pôr a cena da operação e as suas problemáticas – angústia de castração e culpabilidade, a uma distância confortável. O facto de se referir ao personagem como um miúdo, permite, ao desvalorizá-lo, minimizar também a agressividade, sendo parte integrante, juntamente com o tema da operação, de um processo de identificação passivo.

Síntese: no primeiro tempo observamos, na relação do sujeito com esta imago, uma intensa relutância em representar um conflito. No registo dos processos de identificação observa-se a predominância de uma posição passiva que poderá ser uma forma deste se evadir à agressividade e subsequente angústia de castração. A ambivalência na relação com este não pode, portanto, ser representada. No segundo tempo, não verificamos grandes diferenças face ao primeiro, exceptuando um adensamento dos processos defensivos, o que resulta num maior empobrecimento fantasmático.

Sujeito 3 – Primeiro momento de aplicação:

Cartão 7BM

“O pai e o filho, ambos trabalhavam numa empresa +++ de roupa, que era um sucesso mas ambos queriam ser chefes, mas só que eles eram muito amigos um do outro, e não sabiam o que fazer. Então...um amigo muito próximo deles disse: “Porque é que não hadem ser os dois chefes? Assim a empresa ainda ficava com mais sucesso, e não vai ser muito difícil porque o chefe não é lá muito bom no seu cargo e assim foi...prontos!”

Interpretação: neste trecho podemos observar como a relação do sujeito com a imago paterna é representada em termos de rivalidade, o conflito joga-se em torno do poder. O sujeito remete a resolução do problema para um terceiro, um amigo. Esta estratégia defensiva permite ao sujeito não só fazer uma crítica ao objecto, à posteriori, ao mesmo tempo que permite mitigar a culpabilidade originada pela ideia de ocupar, simbolicamente, o lugar do pai.

Cartão 8BM

“Eram dois irmãos muito chegados, mas um muito mais velho que o outro, ele tinha muitos problemas, o mais velho tinha muitos problemas, e andava sempre com pressa no seu carro, até que um dia para chegar a tempo ao seu trabalho ele foi em alta velocidade e teve um acidente, o irmão mais novo não sofreu nada, mas o irmão mais velho teve ferimentos graves. Foi para o hospital para ser tratado. E assim foi, ele foi tratado mas vai ficar de baixa. Prontos, é isso.”

Interpretação: de imediato observamos como a narrativa do sujeito possui, apenas, uma relação muito distante com o material manifesto. Não obstante, verificamos que este projecta a sua agressividade no irmão mais velho – representante da imago paterna, por intermédio da conduta auto-destrutiva deste personagem. Esta estratégia permite ao sujeito não assumir a sua agressividade, evitando a culpabilidade ligada ao fantasma parricida. Apesar do dano

causado a reparação é possível, como também se realiza o desejo de invalidar esta imago, ainda que temporariamente.

Sujeito 3 – Segundo momento de aplicação:

Cartão 7BM

“Havia dois senhores de negócios muito bem sucedidos na vida e eram parceiros de trabalho mas, um deles, ganhava mais que o outro, mas o outro não se importava. Até que pensou que estava mal o outro ganhar mais e queria ganhar o mesmo ou então mais. Mas só que não podiam fazer com que ganhasse mais +++ E então deixou o emprego muito chateado e o seu parceiro lá conseguiu que lhe pagassem o mesmo e, apesar dele ter estado chateado com ele, ele conseguiu ajudar o seu parceiro.”

Interpretação: O conflito com esta imago paterna desenrola-se, uma vez mais, em torno da rivalidade. Essa rivalidade origina uma ruptura na relação com esta imago, contudo, a solução engendrada pelo sujeito faz denotar um apoio num “bom pai”. A referência final que o sujeito faz denotar que, embora haja rivalidade, o amor de que o pai é objecto permite ligar a agressividade sentida pelo sujeito. Neste sentido, o que testemunhamos nesta narrativa é à representação da ambivalência na relação com a imago paterna.

Cartão 8BM

“Tinham ido três senhores caçar e um deles tinha um filho que não gostava que o pai caçasse e que, um dia, ele havia de se arrepender disso. Depois, lá foram os três caçadores caçar, e o pai desse miúdo foi mordido, foi arranhado por um Leão e tiveram de imediatamente fazer uma operação. Quando ficou tudo bem o filho ficou muito chateado por saber que já lhe dito que era perigoso e que ele não tinha dado ouvidos”

Interpretação: observamos como a acção da narrativa desenrola-se em torno de um desejo – fantasma parricida, que se anuncia como um prenúncio e que acaba por realizar-se. Contudo, porque tal realização agressiva implica uma grande culpa, esta é mitigada através da substituição de uma representação agressiva por outra de menor grau. Além disso, a identificação que o sujeito faz a uma instância S.E – “o filho que avisara o pai para não caçar”, permite ao sujeito legitimar a agressividade, uma vez que projecta a culpa na imago paterna. Não obstante, verificamos que aparece uma relação com este pai numa dimensão reparadora, pelo que inferimos que a ambivalência na relação com esta imago é acessível para o sujeito.

Síntese: No primeiro momento de aplicação o conflito com esta imago desenvolve-se em torno da rivalidade e do poder. É, portanto, uma problemática que inscreve o sujeito, e imago, num sistema de funcionamento edipiano. Embora a ambivalência com a imago paterna possa ser representada, o sujeito trata a situação conflitual com alguma distância. No segundo momento, o conflito com esta imago desenrola-se, também, em torno das mesmas problemáticas. Contudo, o sujeito parece ter mais recursos para abordar o conflito.

Sujeito 4 – Primeiro momento de aplicação:

Cartão 7BM

“Aqui temos um senhor...dois homens que podem ser amigos e que estão a falar de alguma coisa em que um se ri, e o outro não gosta e fica sério. Este poderá também estar chateado com a vida, e outro sendo amigo está a animá-lo.”

Interpretação: observamos, primeiramente, como o sujeito, embora hesite, não faz uma clara distinção dos personagens no plano das gerações. O conflito apesar de ser levemente evocado não é depois elaborado, todavia entrevê-se na relação que o sujeito representa um imago paterna algo persecutória. O movimento posterior tem como objectivo anular o conflito, por intermédio de uma interpretação alternativa o sujeito transforma a pulsão agressiva no seu contrário. Neste sentido, na impossibilidade de representar um conflito fundamentado pela competição e agressividade o sujeito regride, do ponto de vista libidinal, e representa algo mais inócuo: uma relação de suporte.

Cartão 8BM

(mímicas) “Aqui à frente vê-se um homem, ou uma mulher, não sei bem, parece indiferente ao que esta a acontecer à sua volta. Um homem estava a espetar uma faca no outro, há uma espingarda e há outro a observar ...e o que está a ser espetado com a faca está deitado na cama e parece estar com dores ...este já está.”

Interpretação: o sujeito hesita em relação ao sexo do personagem do primeiro plano, embora a imagem não seja dúbia a essa respeito. Esta personagem, embora apareça inserida na acção que se desenrola é como se nela não participasse, não tivesse interferido ou não quisesse interferir. Para espanto do sujeito: “ está indiferente”. Assim, a dubiedade do sujeito face ao sexo do primeiro personagem é uma forma deste não investi-la do ponto de vista activo, tornando-a passiva. Contudo, embora este personagem não interfira na acção – não seja ele o agressor é, de certo modo, conivente com o que se passa, tal como o outro que está a observar. Esta hipótese é defensável também pelo facto do sujeito privilegiar no desenrolar da acção a

posição passiva, homossexual, figurada pelo homem que está a ser espetado pelo faca, deitado na cama. Assim, o não comprometimento em relação ao sexo do personagem pode ser uma forma deste não se identificar e não identificá-lo enquanto agente agressor no cenário que descreve. Deste modo, o que aparece é um cenário próximo ao de tortura sem ser evocado um contexto/tema que permita modular essa agressividade e elaborar o fantasma parricida. Além disso, é de sublinhar a intensa angústia de castração veiculada pelo sujeito em seu discurso: “está deitado na cama e parece estar com dores”.

Sujeito 4 – Segundo momento de aplicação:

Cartão 7BM

“Aqui nesta imagem vejo aqui um senhor também assim velho, a olhar para outro que, aparentemente, não é assim tão mais novo. Talvez possa ser um amigo, também poderá ser um filho. Um deles parece estar com a cara, a rir-se, o outro está com um olhar muito sério (mexe-se na cadeira). Talvez possa estar a rir-se de um erro, ou de uma falha que o outro cometeu. E talvez daí o seu ar sério. Também podemos interpretar a imagem de outra maneira: podem estar os dois tristes, apesar do risonho, também tem um certo ar de tristeza ...Como se pode interpretar a imagem como pai e filho, podem estar tristes pela falta do 3.º elemento da família, poderá ser a mãe. Desta imagem está tudo.”

Interpretação: nesta curiosa narrativa observamos como na representação da relação pai – filho surge um intenso sentimento de inferioridade por parte do sujeito. A agressividade do sujeito faz como que imago paterna seja investida de um modo persecutório pondo a nu uma grave insuficiência (falha) narcísica do sujeito. Na impossibilidade de se debater num conflito de rivalidade este deforma o material, no fundo a realidade, de forma a regredir no plano libidinal para uma posição mais segura face à ameaça de castração. Assim, este evoca uma outra personagem: a mãe, surgindo esta como terceiro elemento numa constelação edípica negativa. A posição passiva/homossexual face ao pai permite contornar o confronto com um rival mais forte – evitar a angústia de castração e, sobretudo o dano narcísico, na assumpção da masculinidade; da agressividade perante a imago paterna.

Cartão 8BM

“Nesta imagem vejo um rapaz novo, vestido de fato, ao lado dele vejo uma espingarda, atrás vejo 3 homens, um deitado numa cama sem camisola, um está a observar, o outro está a espetar uma faca na barriga, ou assim, não dá para perceber bem. E o que está deitado está com um ar de dor +++. Aqui o rapaz está com ar que dá ideia de vingança. Talvez tivesse sido

ele que desencadeou a acção de espetar a faca pelos outros, talvez tivessem sido mandados por ele, pois o rapaz está com um ar de vingança. A imagem também pode ser interpretada de outra forma: talvez esteja a ajudar o homem a tirar qualquer coisa da barriga, porque o homem que está com a faca tem qualquer coisa na mão, portanto, poderá estar a ajudá-lo, a tratá-lo ++++. Acho que também já está.”

Interpretação: o sujeito começa por descrever a primeira personagem e a cena agressiva que se desenrola no segundo plano. O sujeito parece também identificar-se com homem estendido – angústia de castração. Numa clara representação parricida, o sujeito atribui às duas personagens o papel de carrascos numa vingança desencadeada pela personagem da frente, no qual este projecta a sua agressividade. (questionamo-nos até que ponto este cartão não condensa também a agressividade deslocada do cartão anterior) Num claro movimento defensivo que visa sustentar a agressividade o sujeito propõe uma outra interpretação, tal como no cartão 7BM esta interpretação visa tornar a relação com a imago paterna livre de conflito. Neste sentido, não podemos falar de uma verdadeira reparação face à imago paterna, pois a ambivalência face ao pai não parece ser um compromisso viável.

Síntese: No primeiro momento esta imago surge como um objecto potencialmente castrador, a agressividade face a este não é passível de ser elaborada. No segundo momento esta imago surge como um objecto que inferioriza o sujeito, um objecto persecutório. Em ambos os momentos a agressividade e o carácter “cru” do fantasma parricida não possibilitam o acesso à ambivalência na relação com esta imago. Além disso, sendo a angústia de castração tão intensa quanto o fantasma parricida, a solução que o sujeito ensaia é regredir do ponto de vista libidinal, encetando uma relação passiva com o pai de forma a conter a agressividade. Assim, o registo de relação do sujeito com esta imago é, em ambos os momentos, pré-edipiano. Neste sentido, a principal mudança que constatamos do primeiro momento de aplicação para o segundo é, sobretudo, no domínio das estratégias defensivas. Estas acusam uma maior fragilidade do que no momento de aplicação anterior, o que explica o carácter mais cru das representações.

Sujeito 5 – Primeiro momento de aplicação:

Cartão 7BM

“Um idoso à beira da morte falou para o filho mais velho dos sete filhos que tinha que, o que era importante era que os sete irmãos estivessem unidos, e que nunca nenhum se separasse,

pois seria vencido facilmente. O senhor quando acabou de dizer estas palavras faleceu e os sete filhos resolveram seguir o seu conselho.”

Interpretação: nesta narrativa podemos observar a forma peculiar como o sujeito representa, num cenário algo dramatizado uma relação com a imago paterna que, embora não seja marcada pela rivalidade, parece sustentar um fantasma parricida. Não obstante, chama-nos a atenção o facto deste representar um pai que, embora moribundo, passa à geração seguinte o seu legado, o seu ideal do ego. Então, se por um lado pode ser representado um fantasma parricida e o desejo de tomar o lugar do pai, por outro esta imago corresponde também a um bom pai com o qual o sujeito se identifica.

Cartão 8BM

“Uma mulher estava-se a recordar de uma acto criminoso que tinha visto. A senhora sabia que o crime não compensava e fez queixa à polícia. A polícia foi atrás deles e eles estavam a roubar um homem. O polícia apanhou-os em flagrante e eles foram presos, fim.”

Interpretação: observamos de imediato através do discurso do sujeito que este tenta afastar-se o máximo possível do material. Em primeiro lugar, destacamos o facto do sujeito transformar o rapaz do primeiro plano numa mulher. Verificamos que esta senhora é, então, ao mesmo tempo representante do desejo criminoso e aliado do S.E – estão presentes no sujeito estes dois movimentos. O roubo aparece como um substituto assassínio (do parricídio), embora seja mais “leve” é sustentado pelo mesmo fantasma. O sujeito realiza diversas escotomias, não aparece uma menção específica ao homem deitado na maca nem aos outros encostados sobre eles. Parece-nos que a agressividade, e o conflito não podem ser representados internamente, sendo que a única solução para tentar conter a agressividade é colocar no exterior o conflito interno.

Sujeito 5 – Segundo momento de aplicação:

Cartão 7BM

“Era uma vez um homem que estava muito velho, estava mesmo à beira da morte, e disse ao seu filho mais velho: Fica junto dos teus irmãos pois assim sentem-se mais unidos e com mais força para viver. Depois disso morreu, e o seu filho mais velho seguiu o seu conselho, embora estivesse triste com a morte do pai.”

Interpretação: como no momento anterior o sujeito realiza um compromisso que lhe permite apoiar-se na representação de um bom pai, embora a representação sustenha, ao mesmo

tempo, um fantasma parricida. A angústia de separação continua presente na representação de perda deste objecto, mas além disso surge também a culpabilidade.

Cartão 8BM

(Respira Fundo) “Uma senhora não conseguia dormir porque tinha muitos pesadelos...sonhava que lhe faziam uma cirurgia dolorosa ao estômago...Essa senhora sentia-se aterrorizada levando a crer que isso iria mesmo acontecer. Passados alguns meses essa senhora sentiu uma forte dor no estômago. Precisou imediatamente de ir para o hospital. Foi operada à zona do estômago, mas essa cirurgia não era dolorosa como a dos sonhos que tinha. Depois dessa cirurgia a senhora sentiu-se aliviada por essa cirurgia não ser dolorosa, já está!”

Interpretação: Observamos que o sujeito afasta-se o máximo possível do conteúdo manifesto. Contudo, percebemos que o fantasma que subjaz à sua narrativa é o da castração, embora o sujeito coloque uma mulher no lugar do rapaz. Verificamos, também, que aquilo que podia ser visto como agressivo aparece como uma reparação. A curiosa referência que o sujeito faz: “a cirurgia era menos dolorosa do que nos sonhos”. Poderá remeter para o facto do interior (e dos seus objectos) serem mais perigosos/ terríficos que os objectos externos. Nestes termos a carga persecutória destes objectos é aliviada, pois ao confundir exterior/interior (sonho) os objectos também ficam confundidos. O que parece originar um alívio para o sujeito, uma vez que os objectos externos configuram-se como menos perturbadores/perigosos que os externos.

Síntese: No primeiro e segundo momentos de aplicação, o sujeito apoia-se num bom pai, não é representado um conflito em torno da rivalidade e, embora a relação seja positiva, está patente o desejo de substituir o pai. A representação de perda do objecto arrasta uma angústia de separação presente em ambos os momentos de aplicação. No segundo momento verificamos uma maior acuidade afectiva, um sentimento de culpa, face ao desejo de substituir o pai. No primeiro momento constatamos, também, a dificuldade do sujeito em representar a agressividade e metabolizar o fantasma parricida num espaço interno, enquanto no segundo momento a angústia de castração aparece de forma mais intensa. Podemos referir que de um momento de aplicação para o outro não ocorreram grandes mudanças na relação com esta imago. Acreditamos que o apoio do sujeito num bom pai pode constituir uma cidadela na qual o sujeito se detém, provavelmente devido às dificuldades deste em lidar com a agressividade e com a angústia de castração na relação com esta imago.

Síntese das interpretações aos cartões 2 e 4

Em relação a estes cartões notamos, também, alguma diversidade nas respostas e no nível de elaboração do material latente. No que respeita ao cartão 2, contemplamos com alguma frequência que os sujeitos têm muita dificuldade em abordar a relação triangular. Esta dificuldade desencadeia, na maioria dos casos, mecanismos defensivos que visam o isolamento dos personagens e o evitamento do conflito. Contudo, existem algumas excepções, como no caso do sujeito 3 e do sujeito 5. A narrativa que estes sujeitos constroem, em ambos os momentos de aplicação, tem em comum o facto do tema relacionar-se com a diferenciação; a individuação face ao casal parental. Pensamos que este tema simboliza uma das implicações mais duras do desenvolvimento na adolescência, que aquela de desistir da ligação/investimento libidinal aos objectos edipianos e pré-edipianos. Contudo, este tema será desenvolvido mais adiante, na discussão.

No que respeita ao cartão 4 também constatamos alguma diversidade nas narrativas, apesar da dificuldade em abordar o conflito pulsional ser transversal a todos os sujeitos.

No caso do sujeito 1 verificamos, no primeiro momento de aplicação, como este evita o contacto com o feminino e a relação heterossexual. Contudo, no segundo momento, embora este sujeito reconheça o vínculo que une os dois personagens não elabora mentalmente qualquer conflito.

Em relação ao sujeito 2 a narrativa, em ambos os momentos de aplicação, é marcada pelo evitamento e restrição.

No que concerne o sujeito 3 este, em ambos os momentos identifica-se à personagem masculina, idealizando-a. Nos dois momentos de aplicação é representada uma aproximação heterossexual entre os dois personagens, notando-se, contudo alguma relutância em representar uma aproximação sexual. A grande diferença de um momento de aplicação para o outro prende-se com a definição do objecto. No primeiro momento o objecto define-se mais pela sua função anaclítica do que no segundo momento.

Na narrativa construída pelo sujeito 4, no primeiro momento de aplicação, observamos que a personagem masculina é investida de forma idealmente masculina (activa) de forma a escapar a aproximação de uma personagem feminina investida como imago materna, que “agarra”. O objecto é, também, no caso deste sujeito definido pela sua função anaclítica, surgindo representada a angústia de separação. No segundo momento, a narrativa tem contornos mais edipianos. A evocação de um terceiro elemento que se interpõem na relação dos dois personagens faz com que surja um objecto persecutório, levando a que o sujeito se desorganize.

Em relação ao sujeito 5, a narrativa que este constrói em ambos os momentos relaciona-se com o interdito à sexualidade. No primeiro momento constatamos que o sujeito constrói uma história na qual, sobre a égide do princípio do prazer, este escapa à influência castradora do S.E. No segundo momento, o sujeito constrói uma narrativa dramatizada onde é representada uma relação heterossexual que não perdura, uma vez que o sujeito projecta o interdito no exterior, na forma de uma catástrofe que causa a morte do personagem masculino.

DISCUSSÃO/CONCLUSÃO

Neste último capítulo propomo-nos, primeiramente, a fazer um apanhado global dos resultados dos sujeitos e da sua pertinência teórica. Por fim, iremos falar de algumas das limitações desta investigação, sugerindo outras formas de abordar o problema apresentado.

No final do nosso enquadramento teórico havíamos posto a hipótese de encontrarmos diferenças, de um momento de aplicação para o outro, isto é, de um ano para o outro, entre os sujeitos. Contudo, embora todos os sujeitos tivessem certamente mudado – observáramos essa mudança quer através do uso de mecanismos de defesa diferentes, quer na intensidade com que foram usados, não constatamos evidências claras em todos eles no que respeita a uma mudança efectiva na forma como se relacionam com as imagos parentais. Havíamos, também, concebido que essa mudança dar-se-ia, preferencialmente, ao nível do sistema de funcionamento do qual derivavam essas imagos, isto é, se estas seriam mais próximas de um registo pré-edipiano ou de um registo edipiano. Além disso, pusemos também a hipótese que as mudanças nas imagos iriam repercutir-se no domínio da diferenciação, no controlo dos impulsos e na possibilidade dos sujeitos prescindirem do apoio (no sentido anaclítico) dessas imagos.

Como tivemos a possibilidade de constatar assistimos, a este nível, a uma grande diversidade. Por um lado, verificamos como alguns sujeitos mantiveram-se, de um ano para o outro, num mesmo registo de funcionamento mental: usaram procedimentos defensivos da mesma série, alguns deles até os usaram numa intensidade maior – geralmente a série de controlo, e mantiveram-se numa “posição de relutância” face à demanda de imaginar e de fantasiar, aliás, quando os mecanismos fóbicos não eram operantes o conflito interno era substituído por um apego férreo no domínio do real e do concreto. Assim, quando deixavam, pontualmente, invadir-se pelo fantasma originavam-se cenas cruas ou enredos que careciam de elaboração ou de uma marca pessoal do sujeito, era como se estes não figurassem num cenário interno de fantasia. Este facto vai ao encontro do que postulou Joselsson (1980), acerca de como os pré-adolescentes investem no real como forma de não sucumbir ao conflito interno. Nalguns destes sujeitos observamos como a agressividade não era, na maioria das vezes modulada, e como os processos mentais operavam a um nível, sobretudo, pré-genital. Dentro deste rol de sujeitos constatamos, através de cenas nas quais a perseguição e a desintração pulsional eram evidentes, a imago materna pré-edípica malevolente que Blos (1974) descreveu.

Tivemos a possibilidade de observar, também, como alguns sujeitos, dentro dos termos que havíamos concebido, evoluíram favoravelmente. Na maioria das vezes estes sujeitos usaram um rol mais diverso de procedimentos defensivos. Ao contrário dos anteriores, usavam mais mecanismos da série “labilidade” e utilizavam a idealização de si como forma de equilibrar a *balança narcísica* e prescindirem do objecto. Vimos nestas narrativas como os sujeitos, de um momento aplicação para o seguinte, representaram o masculino como sendo mais forte/ideal e o feminino (materno) como sendo menos poderoso e influente. Observamos, também, em suas narrativas uma evolução que se espelhou nalgumas evidências, por exemplo, num registo de relação com a imago paterna baseada na rivalidade, sugerindo avanços no domínio da agressividade, ou com uma melhor elaboração da perda do suporte dos objectos internos. Queremos acrescentar que, no que respeita a estes sujeitos, estamos sensíveis para o facto da maioria das defesas que estes sujeitos usaram naquele momento apenas possuírem um valor adaptativo limitado á fase de desenvolvimento em que se encontram. Contudo, mesmo sendo estratégias defensivas regressivas, têm o condão de possibilitar ao sujeitos a construção de um cenário, de um espaço mental no qual possam elaborar o seu Eu e os objectos parentais. A propósito, lembramo-nos o que referiu Blos, (1965) acerca do carácter adaptativo da regressão na adolescência. Como vimos, mais atrás, este autor preconizou que, no caso de adolescentes em que esta regressão não é operante, como aqueles sujeitos nos quais não vimos mudança, existe o risco de ficarem numa situação de impasse. Ao olhar para os nossos resultados esta observação não nos podia fazer mais sentido.

Uma outra parte importante dos nossos resultados, e também das nossas conclusões, relaciona-se com a inferência que podemos fazer acerca da forma como os sujeitos articulam a representação da imago paterna e da materna. Por um lado, verificámos que, à medida que era possível representar e elaborar uma maior distância face à imago materna (prescindir dela enquanto objecto interno), era também possível representar, de forma mais clara, um conflito de ambivalência com à imago paterna. Por outro, quando a distância face à imago materna carecia de elaboração (quando não era possível representar o luto desta relação) observámos que a ambivalência não era um compromisso possível e que a agressividade na relação com a imago paterna era menos modulada. Num dos sujeitos observamos esta problemática a um nível de intensidade maior, verificamos que à medida que a proximidade com a imago materna se tornava mais perigosa – mais densa em fantasmas destrutivos, mais a relação com a imago paterna se tornava persecutória, e agressividade mais crua. Estas considerações vão ao encontro do que preconizou Blos (1974), no sentido em que, à medida que os sujeitos vão

diferenciando-se e prescindindo do apoio da imago pré-edípica, encetam uma relação mais importante com o pai, que numa primeira fase é passiva, visa a identificação e a interiorização do ideal do ego, para uma relação mais edípica, baseada na rivalidade.

Antes de fazermos as conclusões finais, gostaríamos de reflectir acerca de uma questão de difícil resposta, mas que é central neste trabalho: O que é que terá sido responsável pela mudança, ou pela não mudança nas relações destes sujeitos com as imagos? Em primeiro lugar, voltamos a frisar que os sujeitos que melhor elaboraram as vicissitudes na relação com os imagos são aqueles que utilizaram um leque mais vasto de mecanismos de defesa, são os que conseguiram por a criatividade ao serviço da fantasia. E nestes, como referimos notámos alguma evolução. Nos restantes, nos que constatamos uma maior rigidez defensiva, notámos um empobrecimento fantasmático e um controlo mais débil das pulsões.

Acrescentamos que, aquando a primeira passagem da prova, os sujeitos que evoluíram, já possuíam uma capacidade de deixar-se invadir pela fantasia distinta dos outros. Neste sentido, pensamos que essa capacidade terá feito a diferença uma vez que é através da rêverie que a elaboração mental é possível. E, embora não conheçamos o meio relacional de cada um dos sujeitos, sublinhamos que é na relação com os primeiros objectos que essa faculdade é adquirida. Este facto leva-nos a concordar com a maioria dos autores, quando estes sublinham a influência da primeira e segunda infância na fase da Adolescência.

Para finalizar gostaríamos de frisar a importância deste trabalho, não só no domínio teórico, mas também no quadrante da prática clínica. É sabido que o desenvolvimento na adolescência faz-se em torno da reestruturação das relações de objecto internas, nomeadamente com os objectos infantis. Se conhecermos melhor os contornos deste processo psíquico, podemos economizar tempo numa mais correcta avaliação e encaminhamento do adolescente.

Gostaríamos de salientar que, como em qualquer trabalho, este possui algumas limitações. Teria sido mais esclarecedor se tivéssemos tido a oportunidade de “seguir” mais sujeitos, todavia tivemos sorte em encontrar uma amostra diversa. Como proposta de um melhoramento no estudo deste problema, julgamos que seria interessante estudar as imagos parentais numa amostra com idades mais diversas. Mesmo que não fosse um estudo longitudinal, seria pertinente tentar construir uma linha de desenvolvimento desde o início da puberdade até ao final da adolescência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Blos, P. (1998). *Adolescência, uma Interpretação Psicanalítica*. São Paulo: Martins Fontes

Blos, P. (1974). *The Young Adolescence, Clinical Studies*. New York: Free Press

Blos, P. (1965). *The Second Individuation Process of Adolescence*. New York: Free Press

Braconnier, A. & Marcellli, D. (2000). *As mil faces da adolescência*. Lisboa: Climepsi Editores

Cordeiro, J. D. (1988). *Os Adolescentes por dentro*. Lisboa: Edições Salamandra

Freud, A. (2006). *O Ego e os mecanismos de defesa*. Porto Alegre: Artmed

Josselson, R. (1980). *Ego development in adolescence*. In. J Adelson (Ed.) *Handbook of adolescent psychology* (pp. 188–210) New York: Edited by John Wiley and Sons.

Klein, M. (1929). *Personification in the play of children*, *International Journal of Psycho-Analysis*

Kristeva, J. (2001). *Melanie Klein*. New York: Columbia University Press

Kohut, H. (1971). *The analysis of self*. New York: International University Press

Laplanche, J. & Pontalis, J.B. (1995). *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes

Matos, M. (2005) *Adolescência, Representação e Psicanálise*. Lisboa: Climepsi

Segal, H. (1975). *Introdução à obra de Melanie Klein*. Rio de Janeiro: Imago Editora

Shentoub V. [et al.] (1999). *Manual de Utilização do TAT*. Lisboa: Climepsi Editora

Slansky M. (1984). *The Pubescent Years: Eleven to Fourteen* in *The Course of Life. Psychoanalytic Contributions Toward Understanding Personality Development*. Vol. II: Latency, Adolescence and Youth: Edited by Stanley I. Greenspan and George H. Pollock. Washington, D.C.: Psychoanalytic Quarterly

Steinberg, L. (2008). *Adolescence*. (8th ed.) New York: McGraw-Hill.

Waddel, M. (2003). *Vida Interior, psicanálise e desenvolvimento da realidade*. Lisboa: Assírio e Alvim

ANEXOS

Anexo A

Anexo B

Anexo C

Nome: R. (Sujeito1)

Data de Nascimento: 11/04/1993

1.º Passagem da Prova Mês 4 de 2007

Cartão 2

5''

“É uma menina ...uma senhora, é um homem que está a cultivar ...mais, não me vem nada à cabeça... (CFO-5) Um homem a cultivar, uma mulher a descansar, uma está com um livro, deve ser uma professora, vivem no campo.”

(A2-15)

(C/Fa-1)

1'40''

(A2-8)

Cartão 4

14''

“É um senhor e uma senhora, tiraram uma fotografia (CN-8)...ele está a falar com um amigo(B1-2) (B2-3), ela está a olhar para ele (rói as unhas) (C/C-1). Devem estar em casa...mais nada.”

(A2-1)

1'20''

Cartão 5

14''

“É uma casa (A2-1), onde a mãe vai ao quarto da filha (B1-2) para ver se está a dormir ou se o quarto está arrumado. (C/Fa-3) Fica espantada porque o quarto está limpo e

arrumado e ela está a dormir. Nunca foi capaz que a filha tivesse tantas capacidades.”

(C/N-10) (C/M2-)

2’10’’

(E-14)

(A11)

Cartão 6BM

5’’

“É um homem e uma mulher (C/FO-3), ela está a olhar para a janela. Pela cara dele está triste (A2-1) (B1-4) ...devem ter recebido uma notícia má, uma morte (A2-2) ...mais nada”

1’55’’

(A2-15)

(A-11)

Cartão 7BM

2’’

“São dois homens (C/Fa-1), a falar um com o outro (B2-3) ...(C/FO-1) +++não sei.

(C/FO-5)

(C/FO-3)

42’’

Cartão 8BM

2’’

“É um aluno que está a pensar (A2-4)...três homens a dar uma facada na barriga dum (E-8) (C/FO-6) ...mais nada...mais nada. Não consigo dizer mais nada. (A2-7). Uma cena violenta que (C/N-8)...o, o homem que está a ser esfaqueado deve (A2-3) ter feito alguma coisa que eles não gostaram (E-14) e que levou eles a fazerem esse acto violento

(E-16) ; (E-1)

1’45’’

(C/Fo-3)

2.^a Passagem da Prova Mês 4 de 2007

Cartão 2

8''

“É uma senhora que está a ir ou sair da escola. (C/Fa-3) Um senhor atrás a cultivar, e...
uma velhota ao sol (risos) (C/M-3)

(A2-15)

(C/Fa-1)

44''

Cartão 4

9''

“É um casal, não sei... (C/FO-5) (C/FO-6) (C/FO-1) +++ não consigo imaginar (C/N-9)

(B2-9)

42''

Cartão 5

3''

“Uma senhora que está a espreitar (A2-1). Pode (A2-3) ser a sua filha (B1-2) ...se está a
estudar ou não.” (C/FO-4)

(C/FO-2)

(A1-1)

35''

Cartão 6BM

12''

São duas pessoas (C/FO-3) que estão tristes (A2-1) (B1-4) por ter morrido alguém (A2-
2) (B1-2) na sua família. Não sei mais.

(→A2-15; (A1-1)

43''

Cartão 7BM

5''

É um senhor (C/FO-3) que está a contar um segredo (B2-9) ao outro (B2-3), sobre negócios (A2-9), mais nada...(C/FO-2)

(C/FO-4)

33''

Cartão 8BM

4''

É um jovem (C/FO-3), está a pensar (A2-4) no que viu...no que fizeram ao homem...não sei... (E-20)

(C/Fo5)

40''

(E1)

Análise do Cartão 2 e 4:

1.ª Momento de aplicação

Cartão 2

O sujeito apega-se ao conteúdo manifesto, a quebra associativa que o sujeito descreve, constitui uma forma de recusar o cartão e o conflito representado. O sujeito tenta novamente produzir alguma associação, mas resulta numa ruminação sem que haja uma verdadeira progressão, exceptuando o facto de distanciar-se ainda mais da situação: “vivem no campo”. A rigidez dos mecanismos defensivos resulta no isolamento das personagens e na evasão ao conflito.

Cartão 4

O sujeito descreve os personagens, remetendo-os ao anonimato e, seguidamente, põe a imagem em quadro, (uma fotografia) estes procedimentos são parte integrante de

uma estratégia defensiva que tem como objectivo congelar os movimentos pulsionais e evitar o conflito. Em consonância com este facto, a associação que faz seguidamente: “...ele está a falar com o amigo”, parece uma forma deste denegar a agressividade e conflito, constituindo um compromisso através de uma formação reactiva que permite inverter o afecto negativo em positivo (o amigo).

2.º Momento de aplicação

Cartão 2

Embora o discurso seja construído em redor de uma descrição do material manifesto, que resulta numa estratégia de isolamento dos personagens, denota-se uma particularidade na forma como o sujeito constrói o desenlace da história. Somos levados a crer que o humor que este emprega e integra no final da história, aponta para uma estratégia/problemática anti-depressiva. Efectivamente, sabemos que este é um cartão, pela sua configuração edípica, susceptível de invocar representações de perda uma vez que põe em jogo a revivência da renúncia aos primeiros objectos de amor.

Cartão 4

O discurso do sujeito é bastante restritivo, este recusa elaborar sobre o cartão. Contudo, reconhece a ligação libidinal que une os dois personagens...por isso não imagina.

Análise Comparativa

Cartão 2

Em ambos os tempos o sujeito faz uma diferenciação aceitável dos 3 personagens, sem contudo estabelecer uma lógica relacional entre as três; em ambos os tempos o sujeito recorre ao isolamento. Contudo, no segundo tempo, observamos uma problemática anti-depressiva que não aparece no primeiro momento de aplicação. Não aparece configuração edípica.

Cartão 4

Em ambos os tempos, o sujeito evita representar uma relação/conflito libidinal, contudo, no primeiro tempo os mecanismos defensivos empregues permitem observar melhor como o sujeito empreende esta luta defensiva: este tenta congelar os movimentos pulsionais, afastando-se da relação. Através da introdução de uma persoangem masculina. No segundo momento os mecanismos fóbicos estão mais presentes e não permitem qualquer elaboração psíquica do conflito.

Nome: J. P. (Sujeito 2)

Data de Nascimento: 14/11/1993

1.º Passagem da Prova Mês 4 de 2007

Cartão 2

5''

“É uma rapariga (B2-1) (C/FO-3) que estudava e vivia ao pé...++ (C/FO-1) numa aldeia onde havia agricultores, acho que é só.”

37''

(A2-15)

(C/FO-2)

(C/Fo4)

Cartão 4

7''

“Um homem e uma mulher (C/Fa-1), parecem (A2-3) marido e mulher (B2-9) ...mais nada”

(C/FO-2)

(C/FO-4)

27''

Cartão 5

8''

“Uma casa...uma senhora está a espreitar pela porta (A21) (C/FO-6)++ ...parece (A2-3) um bocado intrigada (A2-18), mais nada.”

(C/FO-3)

25''

(C/FO-4)

(C/FO-2)

Cartão 6BM

7''

“Um senhor e uma senhora, estão ao pé de uma janela (C/Fa-1), a senhora parece (A23) uma empregada (C/M-2 -), o senhor um patrão (C/N-10), e que parece (A2-3) que o senhor está agarrado (→C/M-1) a qualquer coisa...uma cadeira. (E-4)”

(A2-15)

29''

Cartão 7BM

5''

“É um senhor já de alguma idade, um senhor que parece (A2-3) mais novo (C/Fa-1) ...mais nada.”

26''

Cartão 8BM

5''

“Um rapaz...onde está (E-17), ao pé de um sítio onde alguém (C/FO-3) está a ser operado (A2-1), parece (A2-3) ser alguém parente (E16) do rapaz, e há dois doutores .”

(E1)

42''

(A11)

2.ª Passagem da Prova Mês 4 de 2008

Cartão 2

14''

“ É uma senhora, está no campo, está um senhor a trabalhar com 1 cavalo. E está outra senhora encostada a olhar para a paisagem” (C/Fa-1)

(A2-15)

(C/FO-3)

33''

(C/FO-4)

Cartão 4

3''

“São um senhor e uma senhora. (A2-1) A senhora parece (A2-3) estar a pedir (B2-3), para o senhor olhar para ela o senhor está a olhar para outro lado” (C/N4)

38''

Cartão 5

4''

“É uma senhora que está a espreitar por uma porta, para o que parece (A2-3) ser uma sala. ” (C/Fa-1)

(C/FO-3)

(C/FO-2)

30''

Cartão 6BM

4''

“Um senhor, uma senhora já idosa. A senhora está ao pé da janela, a olhar para essa janela. O senhor está com um chapéu e a olhar para baixo. (C/N-4)”

(C/Fa-1)

38''

(C/FO-4); (C/FO-2); (A2-15)

Cartão 7BM

4''

“São dois senhores, um senhor idoso e outro senhor (C/Fa-1) ...parecem (A2-3) estar a falar (B2-3). (C/Fa-2)”

(C/FO-3)

23''

(C/FO-2)

(C/FO-4)

Cartão 8BM

6''

“É um miúdo (C/M-2-), parece (A2-3) estar a lembrar (A2-4) de uma operação, e parece (A2-3) estar numa rua (A2-4) ”

(E-1)

28''

(A-11)

Análise do cartão 2 e 4:

1.º Momento de Aplicação

Cartão 2

O sujeito entra directamente na expressão, repara-se como o seu tempo de latência são de apenas 5 segundos. O sujeito aborda o cartão a partir da personagem do primeiro plano, o silencio importante que se verifica seguidamente demonstra uma inibição importante no processo associativo, pelo que o sujeito recorre a uma estratégia de isolamento, juntando os restantes personagens numa entidade única – agricultores, de forma a evadir-se do conflito. A história é marcada pela restrição.

Cartão 4

O sujeito entra novamente directamente na expressão, abordando sobretudo o conteúdo manifesto. Embora as personagens, num primeiro instante sejam remetidas ao anonimato, não sejam investidas – homem e mulher, parece que a proximidade entre ambos faz invadir uma temática sexual, contudo, o sujeito restringe o processo associativo e não surge situação conflitual.

2.º Momento de aplicação

Cartão 2

O sujeito descreve o cenário e as personagens, apegando-se, assim, ao conteúdo manifesto, isolando as personagens. Uma particularidade interessante é a das personagens do segundo plano aparecerem ligeiramente mais diferenciadas do que a do primeiro plano – parece, contudo, importante o facto de não ser vista a gravidez da mulher do segundo plano. Este fenómeno poderá ser uma estratégia defensiva que visa a evasão ao conflito edipiano, da seguinte forma: O facto da rapariga do primeiro plano aparecer pouco diferenciada do ponto de vista identitário, tal como a mulher do 2.º plano – que olha para algures (o que de certa forma a exclui da cena representada), permite que a evocação de uma constelação triádica tenha um carácter inócuo. Isto porque nenhuma das personagens femininas é investida do ponto de vista pulsional. Como é óbvio, a presença dos mecanismos defensivos torna o discurso vago.

Cartão 4

Os personagens são mantidos em anonimato, porém, é esboçado um conflito pulsional – ambivalência na relação sem ser, contudo, indicado o motivo do conflito.

Análise Comparativa

Cartão 2

A diferença principal de um tempo de aplicação para o outro, consiste no facto do sujeito no segundo tempo não juntar os personagens do 2.º plano numa entidade única, porém, a referência à rapariga que estudava, que aparece no primeiro tempo – e que é uma identificação próxima do sujeito, parecer desaparecer no segundo plano, ficando anónima perante a maior diferenciação dos outros dois personagens. Constata-se, portanto, uma ligeira mudança na estratégia defensiva mas que, contudo, tem como objectivo isolar a relação entre os personagens. Curiosamente, embora haja uma evolução favorável, pois existe uma constelação triádica no segundo tempo (ainda que não elaborada no plano psíquico) parece que o “preço a pagar” é um “apagamento” da identidade do sujeito.

Cartão 4

No primeiro momento de aplicação, apega-se ao conteúdo manifesto, erotizando, contudo a relação entre os dois personagens sem que haja qualquer conflito. No segundo momento, embora não surja a erotização da relação (sendo que os personagens são remetidos ao anonimato) aparece o conflito libidinal sem que haja uma elaboração à posteriori.

Nome: A. (Sujeito 3)

Data de Nascimento: 04/05/1993

1.º Passagem da Prova Mês 4 de 2007

Cartão 2

7''

“Era um casal (B2-9) que tinha uma filha. Casal trabalhava na agricultura, também queria que a filha trabalhasse, mas só que ela queria ser estudante (B2-3) e...Então, um dia, ela arranhou uma escola para estudar mas só que os pais não queriam, então ela decidiu arrumar as coisas dela e fugir (B2-12) (B2-5)...mais...Ela foi viver com um amigo (B1-2), eles já se conheciam desde há muito tempo e ela começou a viver lá, sem os pais saberem. Os pais começaram, depois, à procura dela e quando a encontraram eles aceitaram com que a filha trabalhasse, andasse na escola.” (B2-2)

(B1-1)

3'15''

Cartão 4

21'' (C/FO-1)

“Era um homem que ninguém conhecia, ele era muito solitário, mas muito corajoso. (C/N-1); (C/N-10) Uma mulher que era vizinha estava sempre a tomar atenção nele, mas ele não prestava atenção a ela... Um dia, ela virou-se para ele e disse (B23) que gostava (B2-9) dela, mas só que ele não gostava dela (B2-6). Mas ela continuava a insistir, então ele mandou-a embora para pensar. Como ele era muito solitário e não tinha ninguém, nem família (C/N-1) nem nada, decidiu ficar com ela. (C/M-1) Pronto, é tudo.”

(B2-2); (B2-5)

2'40''

Cartão 5

10''

“Era uma dona de casa que não trabalhava, só arranjava tudo, as coisas todas em casa, mantia a casa muito limpa, (A2-10) mas o marido (B1-2) dela não ajudava a trazer dinheiro para casa, ele gastava sempre tudo casino. O trabalho dele podia não ser muito bom mas também não ganhava mal. Então ela foi conversar com o marido, e disse se ele não começasse a trazer dinheiro para casa que o abandonava (C/M1), mas só que ele não prestava muito atenção a ela porque ele nessa altura estava bêbedo (C/M2-) (B2-6) (B2-3), mas no dia seguinte ela voltou a falar com ele e lá as coisas se organizaram, pronto é isso”

(B2-7)

2'58''

Cartão 6BM

13''

Era um homem que vivia com a mãe, ele não tinha mulher, ele não devia ter porque trabalhava numa agência secreta (C/N-10) e não contava à mãe (C/N-1). A mãe dele pensava que ele trabalhava nas obras, pode (A2-3) ser isso. Um dia, ele estava farto (B2-4) de guardar o seu segredo, teve de contar a alguém, a única hipótese era contar à sua mãe, mas ele não podia senão era despedido, mas ele sabia que a mãe gostava muito dele (C/M-2+) e conseguia guardar o segredo (A2-8); (A21-7), e lá foi, ele contou (B2-3) à mãe.

(B1-1)

2'55''

(B2-7)

(B2-2)

Cartão 7BM

10''

O pai e o filho, ambos trabalhavam numa empresa +++ (C/FO-1) de roupa, que era um sucesso (C/M-2+) mas ambos queriam ser chefes (B2-3), mas só que eles eram muito

amigos um do outro, e não sabiam o que fazer. Então...um amigo (B1-2) muito próximo deles disse: “Porque é que não hadem ser os dois chefes? Assim a empresa ainda ficava com mais sucesso, e não vai ser muito difícil porque o chefe não é lá muito bom (C/M-2-) no seu cargo (“B2-3), e assim foi...prontos!

(B1-1) 2’41’’

Prancha 8BM

14’’

Eram dois irmãos muito chegados, mas um muito mais velho que o outro, ele tinha muitos problemas, o mais velho tinha muitos problemas (C/M-2-), e andava sempre com pressa no seu carro, até que um dia para chegar a tempo ao seu trabalho ele foi em alta velocidade e teve um acidente (E-9), o irmão mais novo não sofreu nada, mas o irmão mais velho teve ferimentos graves. Foi para o hospital para ser tratado. E assim foi, ele foi tratado mas vai ficar de baixa. Prontos, é isso.

(E-1)

(E-7) 2’30’’

(B2-6)

(B2-5)

2.^a Passagem da Prova Mês 4 de 2008

Cartão 2

12’’

Era uma família que trabalhava no campo, que tinha uma quinta mas, um membro (C/FO-3) da família , não quer seguir essa vida. Ela queria ser diferente e, em vez de trabalhar no campo, queria ir para a escola mas os pais dela não queriam que isso acontecesse, (B2-3) porque eram uma família sem muito dinheiro e não tinham que chegasse para ela ir para escola. (B1-3) Depois, o pai, lá conseguiu arranjar um trabalho e conseguiu que a filha fosse para a escola.

(B1-1) 2’33’’

(B2-2)

(B2-7)

Cartão 4

(fica com um ar embaraçado) (C/C-1)

33''(C/FO-1)

Havia uma mulher que estava apaixonada (B2-9) por um homem mas só que ele era uma pessoa muito (E-17) de politica muito importante (C/N-10) e não podiam estar juntos. Ela fez de tudo para conseguir estar com ele (B2-5) mas ela era de uma família muito pobre (C/M-2-) e ele era de uma família completamente diferente, muito rica (C/M-2+). (B2-6) Mas, como ela gostava muito dele, ele também veio a gostar dela e ficaram juntos, apesar da diferença de famílias.

(B2-3)

2'33''

(B2-7)

(B1-1)

Cartão 5

29'' (C/FO-1)

Havia uma senhora, que tinha uma casa muito pequena (C/M-2-) e lá tinham uma filha (B1-2) muito doente (E-6), ela fazia de tudo para conseguir pagar para que a curassem, mas não conseguia porque era muito velha (C/M-2-), e era muito difícil arranjar emprego C/N1. Entretanto, ela arranjou um amigo médico (C/M-2+) (B1-2) que conseguiu ver o problema da criança e conseguiu curá-la (C/M-1), e então já pode ajudar a mãe nas tarefas de casa e ir para a escola.

(B2-2)

2'32''

(B2-3)

(B2-5)

(B1-1)

Cartão 6BM

10''

Havia uma senhora muito idosa que tinha um neto muito rico C/N10 e ela andava muito triste (B1-4) com ele, porque (E-17) dele ser rico já não lhe dava atenção a ela. Até que foi falar com ele muito chateada...(B2-4)+++ (C/FO-1) Ele pensou muito (A217) e, até que decidiu pedir desculpas a ela e prometeu que a iria visitar muitas mais vezes. E ela, como é avó, aceitou imediatamente as desculpas (C/M2+).

(B1-1)

2'07''

(B2-3)

Cartão 7BM

15''

Havia dois senhores de negócios muito bem sucedidos na vida (C/N-10) e eram parceiros (B2-3) de trabalho mas, um deles, ganhava mais que o outro, mas o outro não se importava. Até que pensou que estava mal o outro ganhar mais e queria ganhar o mesmo ou então mais.(A2-17) Mas só que não podiam fazer com que ganhasse mais +++ (C/FO-1) E então deixou o emprego muito chateado (B2-4) e o seu parceiro lá conseguiu que lhe pagassem o mesmo e, apesar dele ter estado chateado com ele, ele conseguiu ajudar o seu parceiro.

(B2-7)

3'14''

(E-11)

(B1-1)

Cartão 8BM

10''

Tinham ido (A2-4) três senhores caçar e um deles tinha um filho que não gostava que o pai caçasse e que, um dia, ele havia de se arrepender disso. (E-17) Depois, lá foram os três caçadores caçar, e o pai desse miúdo foi mordido (E-8), foi arranhado (A-29) por um Leão e tiveram de imediatamente fazer uma operação. Quando ficou tudo bem o filho ficou muito chateado (B2-4) por saber que já lhe dito que era perigoso e que ele não tinha dado ouvidos''

(B2-2)

2'19''

(E-1)

Análise do Cartão 2 e 4

1.º Momento de aplicação

Cartão 2

É esboçada a necessidade de diferenciação face ao casal/par parental. O ímpeto é tal ordem intenso que encenada uma fuga. Há depois um movimento de regresso, de reconciliação, podendo levar a pensar na existência de imagos flexíveis. Todavia, parece que o que está em causa é a falta de consistência e de recursos para efectuar o movimento de separação de forma sustentada. Esta observação é corroborada pelo facto de a fuga ser encenada para casa de um amigo que se conhece há muito tempo, e não uma fuga para o desconhecido, o que implicaria uma angústia de separação ainda maior.

Cartão 4

Há uma identificação ao protagonista, ao abrigo do ideal do Eu. Este é caracterizado através de adjectivos tão caros à adolescência, tais como: solitário e corajoso, concordantes com a fantasia de Auto-suficiência narcísica desta fase. Ocorre

uma evasão face a aproximação sexual, através de uma regressão / evocação de uma relação de suporte, fazendo entrever, também, uma fuga à mãe fálica.

2.º Momento de aplicação

Cartão 2

Embora apareça a autonomia, o movimento de separação, não há fuga nem revolta. Há um confronto com os constrangimentos da realidade. Embora não haja um movimento de ruptura, a resolução do conflito vai no sentido da concretização do desejo de diferenciação do sujeito. A história faz evocar um fundo depressivo a partir do qual se desenrola a acção.

Cartão 4

Identificação ao protagonista, que surge como representante de ideal do Eu. Face à mulher este torna-se grandioso. Paradoxalmente, perante a mulher este tem uma atitude passiva. Se por um lado este se superioriza face à mulher, por outro é a mulher que toma a iniciativa, é esta a detentora do desejo e não ele. O que por um lado remete para a problemática da relação passiva com a mãe arcaica que aparece nesta fase.

Aparece também a temática da alteridade, o reconhecimento das diferenças ligado ao par de opostos: Activo vs. Passivo ; Rico Vs Pobre.

Análise Comparativa

Cartão 2

Em ambos os tempos o conflito não se joga em termos de triangulação, mas joga-se num tipo de relação dual na qual a filha está numa relação de dependência face ao casal parental que figura como uma identidade única. Talvez porque a problemática presente seja a de “perda” – renunciar aos primeiros objectos de amor, o conflito edipiano é dificilmente abordável.

O desejo de autonomia (movimento que tenta contrariar a angustia de separação) no primeiro tempo é mais impetuoso e por isso menos consistente. Há uma fuga e depois uma re-aproximação, o sujeito não aguenta a angustia de separação. Enquanto que no segundo momento o desejo de autonomia é mais assumido e tolerado e, conseqüentemente, a realidade é mais tida em conta – no sentido em que o sujeito é capaz de se experimentar num sistema de identificações flexível.

Cartão 4

Tanto no primeiro como no segundo tempos, o sujeito aparece identificado a uma figura masculina poderosa, embora no segundo tempo o sujeito se identifique a uma personagem mais consistente e de um domínio mais real/concreto do que no primeiro – maior individualização. Apesar de haver em ambos os “tempos” uma evitação à aproximação sexual, esta é mais patente no primeiro tempo, tanto que o sujeito regride a para uma relação anaclítica. No segundo tempo, novamente, embora a mulher seja também a portadora do desejo, a aproximação sexual acaba por ser mais tolerada e relação anaclítica não aparece. Embora em ambos os casos o sujeito apareça numa posição passiva, esta parece ser mais digna de nota no primeiro tempo, pelo que nos leva a pensar que o sujeito foge dessa relação, como se fugisse à mãe fálica. No segundo tempo o reconhecimento da alteridade é feita através do par de opostos.

Nome: C. (Sujeito 4)

Data de Nascimento: 07/10/1993

1.º Passagem da Prova Mês 4 de 2007

Cartão 2

50''(tenso) (C/C-1) (C/FO-1)

(B2-1) A mulher grávida pode (A2-3) estar a relembrar os tempos (A2-4) em que era nova, e os campos estavam cultivados (E-19). Numa ilha onde teve uma paixão...(B2-9)

2'08''

(E-1)

(E-11)

(→CFO-4)

(→CFO-2)

Cartão 4

6''

Aqui a mulher parece (A2-3) que está a agarrar o marido (B2-9) que parece (A2-3) ser um soldado que vai para a guerra (A2-1). (A1-2) E está a segurá-lo porque tem medo de perdê-lo, ou ficar sozinha. (C/M-1) (A2-2)

1'32''

Cartão 5

7''

Aqui vemos uma mulher (A2-1), que poderá ser casada, e está a abrir a porta para o quarto do filho ou da filha (B1-2), e parece (A2-3) estar a dar uma ordem (B2-3), ou então, parece (A2-3) também que parece (A2-3) não estar a gostar do que está a ver, que a assus... (E-14) não, não tem cara disso (A2-11) (E-16) (A-26) (murmura qualquer coisa entre dentes). (C/C-1)

1'30''

Cartão 6BM

10''

Aqui parece (A2-3) uma senhora que poderá (A2-3) ser mulher (B2-9) deste senhor, mulher não (A2-11)! Mãe, deste rapaz (B2-11) que aqui está (aponta), estão a ter uma conversa. (B2-3) O rapaz está sério, parece triste. (B1-4). A senhora parece (A-23) estar distante do sítio onde está, parece (A-23) estar pensativa e também um pouco triste (B1-4). (C/Fa-1) (tenso) (C/C-1)

(→CFO-4)

1'25''

Cartão 7BM

15''

Aqui temos um senhor...dois homens (C/FO-3) que podem (A2-3) ser amigos e que estão a falar (B2-3) de alguma coisa em que um se ri, e o outro não gosta e fica sério (C/FO-4). Este poderá também estar chateado com a vida, e outro sendo amigo está a animá-lo (C/M-1). (A2-9)

(→C/FO-2)

1'35''

Cartão 8BM

7''(mimicas) (C/C-1)

Aqui à frente vê-se um homem (CFO-3), ou uma mulher, não sei bem (B2-11), parece (A2-3) indiferente (E-16) ao que esta a acontecer à sua volta. Um homem estava a espetar uma faca no outro (E-8), há uma espingarda (A2-16) e há outro a observar ...e o que está a ser espetado com a faca está deitado na cama e parece (A2-3) estar com dores (E-16)...este já está. (A2-1)

2'05''

E13

2.ª Passagem da Prova Mês 4 de 2008

Cartão 2

10''

Vejo uma rapariga com ar de estudante, está com um ar pensativo, depois vejo aqui um homem com um cavalo ao pé de umas terras. Vejo uma mulher encostada a uma árvore, aparentemente (A2-3) está grávida, e está a agarrar assim (faz o gesto) (C/C-1) na barriga (C/Fa-1) (A2-15) (C/Fo-3) . Só vejo montes (E-19), parece (A2-3) ter uma praia (E-4) ao fundo, ao lado do monte. Vejo casas, 2,3... (A2-5) mais? +++ (C/Fo-1) Acho que esta imagem pode estar a mostrar dois lados diferentes. Aqueles que têm a oportunidade de estudar e aqueles que têm de trabalhar no campo porque não têm oportunidade de ir para a escola. (A2-13) Penso que daqui já tirei tudo.

4'22''

Cartão 4

20''

Vejo uma mulher agarrada a um homem (C/M-1) , depois, no fundo, atrás de uma janela ou porta, está uma mulher sentada, depois o homem parece (A2-3) estar a olhar para alguma coisa, a ver alguma coisa, e a mulher tem o olhar concentrado no homem. (C/Fa-1) +++ (C/Fo-1). O olhar da mulher parece que transmite a ideia de esperar uma reacção do homem em relação ao que ele está a ver. (E-16)+++ (C/Fo-1) A mulher que se encontra no fundo da imagem parece (A2-3) está a observar (E-16) os outros dois que se encontram à frente: a mulher que esta agarrada ao homem. Essa mulher parece (A-23) que está a olhar com um olhar um bocado maléfico (E-16), talvez, parece (A-23) que esta a olhar com um olhar indignado. Daqui parece (A2-3) que está, também.

6'03''

(C/Fo-3)

(E-14)

Cartão 5

7''

Nesta imagem vejo o interior de uma casa, vejo uma mesa com flores e um candeeiro, atrás vejo um móvel com um objecto por cima mas não consigo perceber o que é. Em cima vejo prateleiras com livros (C/Fa-1). Ao lado do móvel vejo uma porta que está aberta, está uma mulher (C/Fo-3) a abri-la (C/Fa1), parece (A2-3) que esta a espreitar para alguma coisa...E parece (A2-3) estar com um ar chateado pela expressão facial, aparentemente (A2-3) esta com um ar chateado. (E-16) +++ (C/Fo-1) A mulher vem de um sitio escuro (C/N-5) para uma casa, por sinal, está com luz. (E-15) Talvez a mulher possa ser a representação do mal que, se calhar, interferir no bem. (E-7) Daqui acho que está tudo.

4'20''

(E-14)

Cartão 6BM

10''

Aqui aparece um rapaz com ar de ser novo, ao lado de uma senhora assim, aparentemente (A2-3), mais velha, se calhar uma idade (E-20) ...A senhora, a mulher (B2-11), esta com um olhar distante, longe. O jovem está com um olhar triste, a imagem em si dá a ideia, pela expressão das personagens, de ter acontecido alguma coisa má. (A2-2) As personagens estão com um ar triste. (C/N-4) O rapaz está com roupas escuras. O sitio onde ele está, está com cortinados escuros (C/N-6). Talvez (A2-3) possa representar a morte, talvez (A2-3) tenha morrido alguém. (A2-13) A senhora parece que está a segurar nalguma coisa, talvez (A2-3) num pano branco. Também vê-se uma janela, tem um parapeito, parece (A2-3) que a senhora está apoiada (C/M-1), assim, encostada no parapeito. Acho (A2-3) que aqui está tudo.

(C/Fo-3)

(A2-8)

(A2-18)

(C/Fa-1)

(A2-15)

4'59''

Cartão 7BM

11''

Aqui nesta imagem vejo aqui um senhor também assim velho, a olhar para outro que, aparentemente (A2-3), não é assim tão mais novo. (C/Fa-1) Talvez (A2-3) possa ser um amigo, também poderá ser um filho.(A2-6) Um deles parece estar com a cara, a rir-se, o outro está com um olhar muito sério (A2-1) (B2-6) (mexe-se na cadeira) (C/C-1). Talvez (A2-3) possa estar a rir-se de um erro, ou de uma falha que o outro cometeu. E talvez (A2-3) daí o seu ar sério. (A2-2) Também podemos interpretar a imagem de outra maneira (A2-9): podem estar os dois tristes, apesar do risonho, também tem um certo ar de tristeza (E-16)...Como se pode interpretar a imagem como pai e filho, podem estar tristes pela falta do 3.º elemento da família (C/Fo-4), poderá (A2-3) ser a mãe (B1-2). Desta imagem está tudo.

5'45''

(E-7)

Cartão 8BM

10''

Nesta imagem vejo um rapaz novo, vestido de fato, ao lado dele vejo uma espingarda, atrás vejo 3 homens, um deitado numa cama sem camisola, um está a observar, o outro está a espetar uma faca na barriga (E-8), ou assim, não dá para perceber bem (A2-11). E o que está deitado está com um ar de dor (E-16)+++ (C/Fo-6) Aqui o rapaz está com ar que dá ideia de vingança. (E-16) (E-14) Talvez (A2-3) tivesse sido ele que desencadeou a acção de espetar a faca pelos outros, talvez (A2-3) tivessem sido mandados por ele, pois o rapaz está com um ar de vingança. (E-16). (A2-8) A imagem também pode ser interpretada de outra forma: (A2-14) talvez esteja a ajudar o homem a tirar qualquer coisa da barriga, porque o homem que está com a faca tem qualquer coisa na mão, portanto, poderá estar a ajudá-lo, a tratá-lo +++(C/Fo-1). Acho que também já está.

(C/Fa-1); (C/Fo-3)

6'07''

Análise do Cartão 2 e 4

1.º Momento de aplicação

Cartão 2

Há uma tentativa de distanciamento afectivo através do recurso ao sonho, não obstante, o sujeito não consegue abordar o conflito, facto que se traduz na incapacidade de evocar uma constelação edípica por intermédio da diferenciação dos seus três elementos. Neste sentido não aparece relação triangular, uma vez que a personagem masculina é escotomizada (embora a associação curta “ e os campos estavam cultivados” sugiram a invasão e a defesa contra a emergência do fantasma em relação com a personagem masculina) e as duas figuras femininas ficam amalgamadas numa única representação. Os procedimentos defensivos do sujeito, maioritariamente na série A e E são usados como forma de travar o conflito, impedindo a emergência do fantasma.

Cartão 4

Por recurso a uma referência cultural o sujeito evoca um registo de identificações estereotipadas que permite, por um lado aceder ao conflito pulsional e conter a agressividade de uma forma socialmente aceite. E por outro lado encontrar um continente onde possa projectar uma problemática de perda, como forma ou não de sobreposição a uma sexual – acontece muitas vezes com os adolescentes.

e/Ou

Noutro nível de abordagem constata-se um movimento de controlo por parte da personagem feminina – representante de uma imago materna, que controla – “agarra” e tenta dominar a personagem masculina. No entanto, esta personagem masculina, correndo o risco de se tornar passiva ou o dominado na relação, é investido, no respeito à sua identidade de género, de uma forma contrafóbica – é um soldado que vai para a

guerra, personagem idealmente masculina que condensa também o imperativo de partir e renunciar aos objectos amorosos edipianos e pré-edipianos. (temática da adolescência) A temática da diferenciação/ separação por identificação com uma figura masculina fálica, parece sobrepor-se a necessidade de renunciar aos objectos edipianos, nomeadamente a imago materna.

2.º Momento de Aplicação

Cartão 2

Há uma forte descrição com apego aos pormenores, embora as três personagens apareçam suficientemente diferenciadas estas são remetidas ao anonimato e a relação entre elas isolada. Neste sentido, a expressão: “ só vejo montes..” E as precisões numéricas que lhe seguem servem para bloquear a invasão do fantasma e do afecto, pelo que há uma certa compulsão para descrever tudo. No final a intelectualização serve o propósito de distanciamento afectivo, uma intelectualização que vem buscar o fundamento ao senso comum. Em conclusão, as solicitações latentes do cartão são fortemente evitadas por recurso a fortes mecanismos de controlo. Não aparece conflito nem tão pouco representação de relação.

Curiosidade: O sujeito refere: “ daqui já tirei tudo” – De facto o sujeito neste cartão apenas descreveu e, como apenas abordou o material manifesto, tirou mais do que deu. Isto é, evitou a projecção ao máximo

Cartão 4

O sujeito começa por descrever, com máxima acuidade, o material manifesto, incluindo as posturas dos personagens. Á primeira relação abordada pelo sujeito este adiciona-lhe uma outra personagem (pequeno pormenor) que servirá de vector no desenrolar da acção. Em rigor, não se pode falar de acção, porque embora a projecção do sujeito seja forte, não existe movimento, a postura dos personagens é passiva: “ olhar concentrado (...) Parece estar a olhar para alguma coisa (...) Espera uma reacção”. Contudo, essa passividade dá lugar a uma identificação projectiva massiva de carácter

persecutório. A mulher, desconhecida; anónima, que intervém na relação que “ está com um olhar maléfico; indignado”.

Curiosamente, tratando-se de um rapaz seria de esperar, pela estruturação do cartão, que este se posicionasse ao nível de um Édipo positivo. Contudo, a história parece ser construída numa versão aproximadamente feminina. Existem duas mulheres e um homem, uma outra mulher que observa e interfém. Somos levados a pensar que esta cena condensa fantasmas da cena primitiva. Embora esta se concretize com dois homens e uma mulher, neste caso aparece 2 mulheres e um homem. O facto de haver só um homem seria uma forma do sujeito fugir à castração – e agressividade e retaliação. Neste sentido o homem presente na história é investido de modo passivo, dele espera-se uma reacção mas este não faz nada. Assim, somos levados a pensar que existe uma identificação projectiva com a mulher que observa, que olha com um olhar maléfico; indignado – possivelmente por ser excluída da cena primitiva.

Identificação à mulher permite que este não seja castrado, uma vez que não existe o falo e, ao mesmo tempo, concretizar a pulsão voyerista.

(Sonho do Homem dos Lobos)

Análise Comparativa:

Cartão 2

No primeiro tempo a abordagem ao cartão é bastante restringida, o conteúdo latente não é abordável e a relação triangular entre os personagens não é apreensível. No lugar de uma relação triangular surge uma sobreposição da personagem feminina do primeiro plano com a do segundo, de forma que não se desenrola qualquer conflito. Assim, a aproximação libidinal entre os personagens é evocada num sistema defensivo que permite operar um compromisso entre fantasma (incesto) / desejo e defesa. – o tema da paixão.

. No segundo tempo a abordagem do cartão é feita de forma acentuadamente diferente. A descrição do material manifesto tem carácter exaustivo, as três personagens aparecem suficientemente diferenciadas mas são mantidas em anonimato e a relação entre elas

isolada, quase negada: “ só vejo montes”. A intelectualização final parece ser o corolário da incapacidade do sujeito em articular afectos e representações.

Cartão 4

A resposta do sujeito no primeiro tempo parece condensar alguns anseios da adolescência. A personagem masculina é investida de forma idealmente masculina (activa) de forma a escapar à influência (aproximação/sedução) de uma personagem investida como imago materna, que agarra. Assim a identificação ao soldado não só permite a diferenciação/separação, como é também uma figura que condensa a necessidade de partir e renunciar aos objectos edipianos e pré-edipianos. Assim, o afecto relacionado com perda, projectado na figura feminina, vem inscrever-se como uma característica desta relação de objecto.

No segundo tempo a desorganização do sujeito é grande. O tema é francamente edipiano e, desta vez, a aproximação das duas personagens é desorganizadora uma vez que nela pesa a ameaça de fantasmas incestuosos. Assim, a estruturação edipiana, aparentemente negativa, serve...

Nome: R. (Sujeito 5)

Data de Nascimento: 21/03/1993

1.º Passagem da Prova Mês 4 de 2007

Cartão 2

5''

Era uma vez (A2-4) uma menina que estava a trabalhar no campo e gostava muito de ler mas os seus pais não deixavam (B2-3) ...A menina como gostava muito de ler decidiu escrever um livro e (C/N-10) ...muitas pessoas que leram o seu livro gostaram do seu trabalho (C/M-2+) e essa menina quis tornar-se uma grande escritora, fim. (B2-7)

1'26''

Cartão 4

26''

Esta é um bocado complicada (C/C-3). Uma menina tinha um namorado (B2-9)...essa menina queria casar-se com o namorado mas os seus pais (B1-2) não lhe queriam deixar... (B2-3)+++ (C/Fo-6).Essa senhora (B2-11) achou algum dinheiro debaixo da cama do pai, fugiu de casa e fugiu do país com o namorado, aí, sem a vigilância dos pais, casaram em segredo e foram felizes. (C/M-2)

(B2-5)

(B2-7)

2'31''

(B1-1)

(B2-2)

Cartão 5

1'10'' (C/Fo-1)

Uma senhora casada estava a trabalhar, quando chegou a casa e olhou para a sua sala estava o seu marido a traí-la (B2-3) (B1-2) (B2-9), a senhora ficou com raiva (B2-4) e expulsou os dois de casa e ficou sozinha para o resto da vida. (B2-5)

(B1-1)

2'35''

Cartão 6BM

15''

Um homem rico (C/N-10), como pensava que a sua fortuna era pouca, resolveu...resolveu pedir à mãe ajuda (C/M-1) ...mas a mãe disse-lhe que a sua fortuna era ter o seu filho ao pé dela e não quanto dinheiro tinha. (B2-3) (A1-3). O filho desistiu dessa ideia e ficaram os dois felizes com a fortuna que cada um tinha. (C/M-2+)

(B1-1)

(B2-7)

2'25''

Cartão 7BM

57''(C/Fo-1)

Um idoso à beira da morte (B2-1) falou (B2-3) para o filho mais velho dos sete filhos que tinha que, o que era importante era que os sete irmãos estivessem unidos (A1-3), e que nunca nenhum se separasse (C/M-1), pois seria vencido facilmente. O senhor quando acabou de dizer estas palavras faleceu (B2-5) e os sete filhos (B1-2) resolveram seguir o seu conselho.

(C/Fa-4)

2'46''

(B1-1)

Cartão 8BM

50'' (C/Fo-1)

Uma mulher (B1-2) (C/Fo-3) estava-se a recordar (A2-4) de uma acto criminoso que tinha visto. A senhora sabia que o crime não compensava e fez queixa à polícia. (A1-3) A polícia (B1-2) foi atrás deles e eles estavam a roubar um homem. (C/Fo-3) O polícia apanhou-os em flagrante (C/M-2+) e eles foram presos, fim.

(B2-2)

(E-1)

1'55''

2.^a Passagem da Prova Mês 4 de 2008

Cartão 2

14''

Era uma vez (A2-4) uma menina que gostava muito de ler mas, como vive no campo não podia porque tinha de trabalhar para ter o dinheiro que necessitava.(A2-17) (C/Fa-4) Um dia ela fugiu de casa para ir estudar...(C/Fo-1)+++ Ela foi para a escola fazer o que mais queria e sentiu-se feliz assim.” (B2-7)

(C/N-1)

(E-1)

(B1-1)

1'58''

Cartão 4

9''

Era uma vez (A2-4) um homem rico que conheceu uma mulher enquanto fazia uma das suas muitas viagens. (C/N-10) Foram-se conhecendo a pouco e pouco (C/Fo-1) +++e passado algum tempo começaram a namorar (B2-9) e, passados alguns meses (A2-8)

casaram mas, infelizmente, ele morre numa perigosa viagem que fez, deixando a mulher destrocada e viúva. (C/Fa-5) (B2-5) Este também já está.

(B2-3)

(B1-1)

(B2-2)

Cartão 5

17''

Era uma vez (A2-4) uma senhora (C/Fo-3) de idade que vivia tranquilamente na sua casa. Um dia reparou que as coisas estavam em diferentes posições das habituais, sabendo que não foi ela que as mudou de lugar. No dia seguinte reparou que faltava um livro, e pensou que a tinham assaltado. (C/N-1) Senhora chamou a polícia (B1-2) para vigiarem a casa de noite.(C/Fa-4) Nessa mesma noite o ladrão foi apanhado a subir a casa (B2-9) da senhora. Ele foi preso pela polícia (C/M-2+) e senhora voltou a viver descansada''.

(B2-5)

2'57''

(B2-2)

Cartão 6BM

14''

Era uma vez um senhor (A-24) (C/Fo-3) ...que queria sair do país, a mãe, como se sentia muito sozinha não o deixou partir. (B2-3) Ele ficou desesperado (B24) e pôs-se a pensar muito... (A-17) (C/Fo-1) +++e descobriu que um cão (B1-2) podia fazer-lhe companhia, para poder sair do país. (E-12) Ofereceu o cão à mãe e ela ficou muito grata e diz que lhe faz muita companhia. (C/M-1). Esse senhor pode sair do país sem que a mãe se sentisse sozinha.

2'54''

(B1-1)

(B2-2)

(B2-7)

Cartão 7BM

11''

Era uma vez (A2-4) um homem (C/Fo-3) que estava muito velho (B2-10), estava mesmo à beira da morte, e disse (B2-3) ao seu filho mais velho: Fica junto (C/M1) dos teus irmãos pois assim sentem-se mais unidos e com mais força para viver. (A1-3). Depois disso morreu, e o seu filho mais velho seguiu o seu conselho, embora estivesse triste com a morte do pai. (A1-3)

(B2-2)

(B2-5)

(B1-1)

2'07''

Cartão 8BM

(Respira Fundo) C/C1

14''

Uma senhora (C/Fo-3) não conseguia dormir porque tinha muitos pesadelos...sonhava (A2-4) que lhe faziam uma cirurgia dolorosa ao estômago...Essa senhora sentia-se aterrorizada (B2-4) levando a crer que isso iria mesmo acontecer. (B2-13) Passados alguns meses essa senhora sentiu uma forte dor no estômago. Precisou imediatamente de ir para o hospital. Foi operada à zona do estômago, mas essa cirurgia não era dolorosa como a dos sonhos que tinha. Depois dessa cirurgia a senhora sentiu-se aliviada por essa cirurgia não ser dolorosa, já está!

(C/N-1)

(E-1)

(B2-2)

(B2-5)

3'22''

Análise do Cartão 2 e 4

1.º Momento de Aplicação

Cartão 2

O sujeito inicia a história com recurso a referências literárias (“era uma vez”), como forma de se afastar do material. Neste cartão, que remete para a reativação do conflito edipiano, o sujeito posiciona-se perante as figuras parentais como se estas fossem uma identidade única (“ (...) os pais não deixavam”). Assim, o conflito não se parece desenvolver em torno da rivalidade edipiana mas sim em torno da situação de dependência da figura feminina face ao casal parental. Assim, o tema que surge é o da “individuação”, um tema bastante caro a psicologia da adolescência, tanto que o sujeito parece identificar-se com a personagem feminina, investindo-a de forma idealizada. O desenrolar e desenlace da história parece responder ao princípio do prazer: à onipotência do desejo, e não ao princípio da realidade.??

Cartão 4

Esta história, tal como a anterior, é construída em torno de uma fantasia pessoal. Além disso, partilha com a anterior o mesmo tema e o facto do sujeito se identificar à personagem feminina. O tema que surge é o da sexualidade que entra em conflito com uma problemática já presente no cartão anterior: autonomia/individuação. Contudo, longe de ser um conflito (no qual os pais representam o S.E.) de fácil abordagem, a única forma de ser resolvido consiste na realização mágica do desejo, tal como no cartão anterior. Assim, o sujeito tira o dinheiro debaixo da cama do pai, isto é: tira a potência ao pai.

Nota: num primeiro momento o sujeito refere-se à figura feminina como menina, enquanto num segundo momento, após uma pausa importante no discurso, refere-se a esta como senhora. Parece que a invocação do conflito terá operado um género de censura, obrigando o sujeito a distanciar-se do material.

2.º Momento de Aplicação

Cartão 2

O sujeito constrói esta história em torno da vivência subjectiva da figura feminina do primeiro plano, com a qual se identifica. Centrando a sua elaboração em torno da vivência subjectiva dessa personagem o sujeito não representa qualquer relação, facto observável também na escotomia dos restantes personagens. Neste sentido, dada a configuração narcísica da história construída, não aparece conflito edipiano, embora o tema : o da individuação, possa também consubstanciar a demanda edipiana de renunciar aos primeiros objectos de amor. Ainda assim, o movimento de individuação parece pouco sustentado uma vez que a única solução possível é a da fuga.

Nota: Quanto maior é a dificuldade em individuar-se maior; mais desproporcional é o salto em direcção à autonomia. (texto do Blos e os fugas de casa)

O contexto social serve de máscara, de encobrimento aos pais (interdito).

Cartão 4

O sujeito identifica-se (de forma narcísica – enquanto poderoso) com o personagem masculino. Num contexto algo dramático, fabulando além da imagem, este representa uma relação heterossexual que tem um desfecho trágico: o personagem masculino morre e deixa a mulher destroçada e viúva. Se pusermos a hipótese que a figura feminina esta identificada a uma imago materna, então, poderíamos compreender este desfecho como vinculando uma formação de compromisso: por um lado a concretização de um desejo, por outro a defesa contra esse desejo: a morte do personagem masculino, implicando não só o reforço do interdito como a renuncia aos objectos edipicos???

Nota: Dir-se-ia, então, que face a aproximação sexual pesa ainda o incesto (peso da imago materna). Esta fantasma é responsável, então, pelo medo e culpabilidade, desencadeando uma punição por parte do S.E.: desfecho trágico, morte. Parece-nos

então que, face a aproximação heterossexual, o sujeito está entre desejo e o medo, vinculado pela culpa.

Análise Comparativa

Cartão 2

Em ambos os momentos, o conflito joga-se em torno da situação de dependência da menina em relação ao casal parental, não aparecendo, pelo menos de forma declarada, uma verdadeira triangulação (conflito) – vale a pena mencionar que o casal aparece sempre pouco diferenciado.

No primeiro momento a solução ensaiada parece ir mais no sentido da realização mágica do desejo, ao estilo da onnipotência do desejo (narcisismo; idealização de si).

No segundo tempo parece haver uma maior compreensão e integração das contingências (constrangimentos que o externo e impõe ao interno/desejo) do real: “ ... menina que gostava muito de ler mas como vive no campo não podia porque tinha de trabalhar para ter o dinheiro que necessitava”. Embora, esse facto também possa ser visto de outra forma: como se as contingências exteriores se substituíssem (mascarassem) a representação dos pais. Se é verdade que neste 2.º tempo aparece um maior desejo de autonomia (mais declarado), a verdade é que a solução ensaiada: A fuga parece consubstanciar, paradoxalmente, uma problemática, também ela mais intensa: a dependência.

Cartão 4

Em ambos os momentos surge um conflito relacionado com a (assumpção) da sexualidade.

No primeiro momento, além de figurar o casal (parece haver uma ambivalência quanto à sexualização ou não deste casal: menina vs. senhora) são também evocados os pais. Os pais surgem como uma projecção do S.E. que vem interditar o desejo. O desenrolar da história responde ao principio do prazer – à onnipotência do desejo e não da realidade.

No segundo momento, o protagonista: a figura com quem o sujeito se identifica, aparece mais investida e, por isso, mais diferenciada. (embora corresponda a uma

idealização de si.) Configura-se também uma relação heterossexual, mais complexa : “ foram conhecendo-se pouco a pouco (...) começaram a namorar, passados alguns meses casaram”) . Curiosamente neste momento, ao contrário do momento anterior no qual surge uma projecção de um S.E, é a tragédia (a morte) que realiza o interdito à aproximação sexual. Dir-se-ia, por isso, que o sujeito encontra-se entre o desejo e o medo, pesa a culpabilidade edipiana.

Nota: no segundo momento o homem é representado enquanto arredo e intrépido: É um viajante, que faz viagens perigosas – talvez corresponda à assumpção de um receio da intimidade (peso da imago materna), tanto que se conhecem pouco a pouco.

ANEXO B

Termo de Consentimento Informado

Eu, _____, Certifico que concordo em participar voluntariamente na investigação científica que Carlos Alberto Corneta encontra-se a efectuar no âmbito do Seminário em Psicologia Clínica, no ISPA-Lisboa.

Em investigação, assim como a minha participação, foi-me definida e inteiramente explicada por este.

Tive a oportunidade de formular as questões que achei oportunas as quais me foram respondidas satisfatoriamente.

Percebo que os procedimentos desta investigação não têm qualquer risco. Sou livre de participar nas actividades que me são requisitadas e posso, a qualquer altura retirar o meu consentimento, terminando assim a minha participação na investigação sem que isso possa ter como efeito prejuízo para a minha pessoa.

___/___/___ Lisboa

(assinatura do participante)

___/___/___

(assinatura do investigador)

ANEXO C

Pedido de autorização aos Pais

Carlos Alberto Corneta

Aluno do Mestrado Integrado em Psicologia Clínica

ISPA

Nome :

Exmo. senhor(a),

Eu, Carlos Alberto Corneta, venho por este meio, solicitar a V. Excelência autorização do vosso educando para participar na investigação da minha Tese de Mestrado, intitulada “ A Pré-Adolescência e as Imagos Parentais – Um estudo longitudinal”. Acresce, ainda que asseguramos o anonimato e a confidencialidade da informação fornecida pelos participantes no estudo.

Cordialmente, com os melhores cumprimentos.

Carlos Corneta

Lisboa ___/___/___

Manual de Estilo e Peças Instrutórias

Anexo IV - RG0040/08

NOME: Carlos Alberto Espada Bom Calixto Corneta

Nº ALUNO: 11702

CURSO: Ciclo de Estudos Integrado Conducente ao Grau de Mestre em Psicologia

ÁREA DE ESPECIALIZAÇÃO: Clínica

ANO LECTIVO: 2007/2008

ORIENTADOR: Professor Doutora Ângela Vila-Real

DATA: 19 de Janeiro de 2009

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: A Pré-Adolescência e as Imagos Parentais – Um estudo longitudinal

RESUMO

Este estudo teve como objectivo investigar as imagos parentais em rapazes pré-adolescentes. Como é sabido um dos principais desafios do desenvolvimento na adolescência é o da reorganização interna, que passa pela mudança e reestruturação da ligação infantil face aos objectos internos parentais. Como forma de tentar conhecer como se caracteriza e evolui a relação dos indivíduos com esses objectos internos infantis/imagos parentais desenhamos um estudo longitudinal (com um intervalo de doze meses), com uma amostra de cinco sujeitos. Dispusemos como instrumento uma prova projectiva, o T.A.T. (*Themathic Apperception Test*) que nos permitiu, por intermédio de cartões específicos, aceder à representação dessas imagos através das narrativas dos sujeitos. Embora não tivéssemos verificado diferenças significativas em todos os sujeitos, de um momento para o outro de aplicação do instrumento, encontramos em alguns evidências de modificações na representação e relação com as imagos parentais. Estas mudanças caracterizaram-se, sobretudo, por uma inscrição dessas imagos num registo de relacionamento objectal mais próximo do Edipiano. Encontramos também, nesses sujeitos, uma maior diferenciação e autonomia na relação com esses objectos internos

Palavras-chave: Pré-adolescência; Imagos Parentais; T.A.T.; Estudo longitudinal

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO EM INGLÊS: Early Adolescence and Parental Imagos – A longitudinal Study

ABSTRACT

The objective of this study is to investigate the parental imagos in early adolescent boys. It's well known that one of the challenges in adolescent development is the internal object reorganization, which consists in restructuring the internal infantile objects ties. To understand the configuration and evolution of these parental imagos and the relation of the subjects toward them, we designed a longitudinal study (with an interval of twelve months), with a sample of five subjects. As an instrument we used a projective test, the T.A.T. (Thematic Apperception Test) which gave us the opportunity of accessing the subjects representation of these parental imagos through their narratives. Although we hadn't found meaningful differences among all the subjects, in some we found empiric evidence that it had occurred changes within the representation and relation of the subjects toward these imagos. These changes consisted, especially, by an entry in a more Oedipal type of object relation toward those imagos. We also found in these subjects greater differentiation and autonomy in relation to these internal objects.

Key- Words: Early Adolescence; Parental Imago; TAT; Longitudinal Study